

# EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA:



**DO REGISTRO POPULAR DO  
ALUNO À NORMA PADRÃO**

**AGNELLY PALITOT GOMES**

G633e Gomes, Agnelly Palitot

Educação linguística: do registro popular do aluno à norma padrão / Agnelly Palitot Gomes. – João Pessoa : Sal da Terra 2022.

Livro digital

ISBN 978-65-5886-135-5



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE/ MAMANGUAPE-PB**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS**

**AGNELLY PALITOT GOMES**

**EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA:**  
**DO REGISTRO POPULAR DO ALUNO À NORMA PADRÃO**

**MAMANGUAPE - PB**

**2016**

**AGNELLY PALITOT GOMES**

**EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA:  
DO REGISTRO POPULAR DO ALUNO À NORMA PADRÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus IV, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau

**MAMANGUAPE - PB**

**2016**

**AGNELLY PALITOT GOMES**

**EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA:  
DO REGISTRO POPULAR DO ALUNO À NORMA PADRÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus IV, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau - UFPB  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Francisca Terezinha Oliveira Alves - UFPB  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Laurenia Souto Sales - UFPB  
(Examinadora)

À minha Mãe, Almira Rodrigues de Holanda (*in memoriam*), aos meus alunos (que carinhosamente considero como filhos pedagógicos), e a Bruno, meu companheiro de vida e alma, pelo carinho, compreensão e paciência: sua presença foi significativa neste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio garantido nas horas críticas, livrando-me das cegueiras e mostrando-me o caminho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Roseane Nicolau, pela sua eficiência, compromisso e boa vontade comigo durante todo esse processo.

À Profa. Dra. Francisca Terezinha Oliveira Alves, pelas sugestões preciosas no processo de qualificação.

À Profa. Dra. Laurênia Souto Sales, pelo gesto nobre de ter aceito participar da minha banca.

Ao companheiro, Bruno, pelo carinho que sempre teve por mim durante esse período.

Aos meus irmãos, que apenas com o olhar me dão o alento e amor necessários à vida.

Agradeço de forma carinhosa à minha sobrinha Renata, pelo auxílio nas horas precisas.

Agradeço de forma especial à minha colega Edênia, por me motivar e se dispor a escutar e a ler os meus trabalhos.

À professora Cacilda, por me incentivar a crescer profissionalmente.

À colega Leidejane, que gentilmente cedeu sua turma para que eu aplicasse a minha pesquisa.

Agradeço carinhosamente aos alunos do 7º ano da E.E.E.M Imaculada Conceição, que contribuíram com esta pesquisa de forma entusiasmada e participativa.

A todos os meus alunos, com quem tenho trabalhado nos últimos anos.

À CAPES, pela valorosa contribuição dada para a minha formação.

A todos os colegas que comigo percorreram esse caminho. Meu muito obrigada ao amigo Dionísio, que indiretamente me ajudou a gestar esse trabalho.

Minha gratidão às amigas de todas as horas, em especial a Nara, que se mostrou presente em todos os momentos, apesar da distância geográfica que nos separa, reforçando a premissa de que distância física não significa distância espiritual.

“Ah! Dentro de toda alma existe a prova de que a dor como um dardo se renova quando o prazer barbaramente a ataca”.

(Augusto dos Anjos)



## RESUMO

Esta pesquisa trata de uma investigação por meio de uma proposta interventiva de base sociolinguística, que procurou averiguar como os alunos podem se apropriar de uma educação linguística e, assim, instrumentalizá-los para o uso das variantes da língua, inclusive a norma culta. Tal pesquisa foi realizada na disciplina Língua Portuguesa, com alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Cabedelo/PB. Ressaltamos a importância de identificar a adequação da linguagem em diferentes contextos sociais, considerando a norma padrão não como a única variedade a ser estudada em sala de aula, mas como uma possibilidade a mais de uso da língua. Para tanto, pautamos o estudo na Teoria Sociolinguística de Bortoni-Ricardo, que traz uma proposta de ensino voltada à Educação Linguística. Ainda nos valem de outros autores que também fazem referência ao tema, a exemplo de Cavalcante (2014), Bagno (2007), Antunes (2007), Faraco (2002) e Brasil (1998). A referida teoria promove espaços para diferentes discursos, levando o aluno a expandir suas competências linguísticas por meio da aquisição de novos recursos expressivos para compreender melhor o mundo e intervir sobre ele. E, dessa forma, posicionar-se de maneira crítica e efetiva nas diferentes situações sociais, contribuindo, assim, para melhorar a interação do aluno com o meio em que está inserido, uma vez que tal teoria considera a relação entre língua e sociedade. Além disso, contribui para a educação em língua materna. Como procedimento metodológico, o estudo foi viabilizado por meio de uma pesquisa-ação em razão de propor intervenção direta no contexto e em relação aos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, o *corpus* de análise foi constituído por 05 alunos que participaram de exercícios elaborados, contendo o registro popular e o uso formal da língua. Os resultados obtidos nos permitem o reconhecimento da heterogeneidade linguística e apontam para a necessidade de estimular, nas aulas de língua materna, um conhecimento das variedades sociolinguísticas e afirmar que o procedimento didático-pedagógico que adotamos contribui para desconstruir o preconceito linguístico ainda latente em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Educação linguística. Sociolinguística. Variação linguística.

## ABSTRACT

This is an investigation through a sociolinguistic-based interventional proposal, seeking to find out how students can appropriate a linguistic education and, thus, equip them to use the variants of the language, including the cultured norm. This research was carried out in the Portuguese Language subject, with students from the 7th year of elementary school at a public school in the city of Cabedelo/PB. We emphasize the importance of identifying the social language of language, considering a standard language not as a single variety to be defined as a different classroom context, as a possibility for more language use. For Theory, we base the study Sociolinguistics by Tanto as Ricardo-Ricardo, which brings a teaching proposal to Linguistic Education. We also make use of other authors who also refer to the theme, such as Cavalcante (2014), Bagno (2007), Antunes (2007), Faraco (2002) and Brasil (1998). The theory promotes spaces for different discourses, aiming at the student to expand their language skills through the acquisition of new expressive resources to better understand the world and intervene in it. And, in this way, to position itself in a critical way and in the different social markets, society defended, thus, to improve the student's interaction with the environment in which he is inserted, since this considers the relationship between. In addition, it contributes to mother tongue education. As a methodological procedure, the study was made possible through an action research in direct proportion ratio in the context and in relation to the researched subjects. In this sense, the corpus of meaning was constituted by 05 students who participated in the elaborate exercise, containing the popular register and the formal use of the language. The results obtained allow us to recognize the linguistic heterogeneity and point to the need to stimulate, in the mother tongues, a knowledge of linguistic varieties and to affirm that the didactic-pedagogical procedure we adopted contributes to deconstruct the linguistic prejudice still latent in society.

**Keywords:** Language education. sociolinguistics. Linguistic variation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Variedade Linguística - Maurício de Souza .....	46
<b>Figura 2</b> - Produção da aluna 1 adaptando o texto estudo acima para a linguagem atual .....	53
<b>Figura 3</b> - Produção do aluno 2, adaptando o texto estudo acima para a linguagem atual.....	54
<b>Figura 4:</b> Produção da aluna 3.....	58

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Idade dos alunos .....	38
<b>Gráfico 2</b> - Escolaridade dos pais dos alunos .....	39
<b>Gráfico 3</b> - Profissões dos pais/responsáveis (masculino).....	40
<b>Gráfico 4</b> - Gráfico de profissões das mães dos alunos .....	41

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA COMO ATIVIDADE SOCIAL E FENÔMENO HETEROGÊNEO.....	20
2.1 A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL .....	20
2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ...	21
2.3 EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: EM BUSCA DE UMA DEMOCRATIZAÇÃO NA ESCOLA.....	22
2.4 ESTUDO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL ...	24
3 NORMA CULTA, NORMA PADRÃO E NORMA NÃO PADRÃO .....	27
3.1 A LÍNGUA E SEUS USOS .....	28
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
4.1 CONTEXTO DA PESQUISA .....	35
4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	35
4.3 A ESCOLA E SUJEITOS DA PESQUISA.....	36
4.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	36
4.5 RISCOS E BENEFÍCIOS .....	36
5 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA.....	37
5.1 PASSOS DADOS NA PESQUISA-AÇÃO .....	37
5.1.1 Análise do Primeiro encontro.....	38
5.1.2 Análise do Segundo encontro.....	42
5.1.3 Análise do Terceiro encontro .....	45
5.1.4 Texto 02 da primeira atividade: Variação e mudança.....	48
5.1.5 Segunda atividade: Norma e variação.....	51
5.1.6 Terceira atividade: Adequação e monitorização .....	54
5.1.7 Quarta Atividade: Adequação e monitorização .....	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
APÊNDICE I.....	63
APÊNDICE II.....	68

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino da língua materna na perspectiva da Educação Linguística visa à efetiva aquisição da língua em suas diversas modalidades (oral, escrita, formal e informal), tendo como ponto de partida o reconhecimento da heterogeneidade linguística. O que notamos é que, muitas vezes, tecem-se muitas críticas em relação à norma padrão brasileira e, nesse emaranhado, divulgam-se ideias das mais variadas, algumas condizentes com um bom entendimento da realidade linguística brasileira, e outras com alguns equívocos. Entre essas últimas, propaga-se, por exemplo, que a norma padrão brasileira é pautada no português de Portugal. Na verdade, o correto seria explicitar que a referida norma foi pautada nos usos de literatos portugueses dos séculos XVI a XIX e de brasileiros cultos do século XIX e início do século XX, dentro de um projeto de branqueamento da população brasileira. Isso negando a miscigenação típica em um país com múltiplas culturas e etnias; estando, assim, a escolha da norma padrão de acordo com um projeto da elite brasileira do início daquele século.

Sendo assim, entende-se que a norma padrão é mais útil para a escrita, até por questões intrínsecas a esta modalidade da língua. Ao contrário do que ocorre na fala, há na comunicação escrita uma ausência entre os interlocutores, o que impossibilita que as dúvidas referentes ao uso do código sejam sanadas por meio de perguntas e/ou esclarecimentos entre os interlocutores, bem como por meio de outros elementos extralinguísticos e situacionais, a exemplo de expressões faciais, dêiticas, etc. O que entenderia, por exemplo, um paraibano que lesse em um texto a frase “Carlos ligou no Marcos e conversou com ele”? O uso da preposição em alternando com a preposição para é corrente entre pessoas paulistas escolarizadas/cultas, mas não é, via de regra, comum entre pessoas de outras regiões do Brasil, o que acarretaria um estranhamento ou um ruído na comunicação. Assim, cumpre a norma padrão o papel de homogeneizar algo naturalmente heterogêneo, oportunizando uma comunicação facilitada, ajudando a língua a cumprir sua função precípua, a socialização.

A esse respeito, Bagno (2002, p. 80) corrobora que:

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade - é oferecer a eles uma verdadeira Educação Linguística.

Desse modo, é preciso que a escola, bem como todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura, abandonem a ideia de que a língua é homogênea, passando a considerar que o ensino da língua deve ter como principal objetivo a capacidade do aluno em utilizar a linguagem em diversas situações comunicativas.

No Brasil, por exemplo, temos uma multiplicidade de realidades linguísticas, nas quais algumas são tratadas com menos prestígio, por não se enquadrarem no estilo ditado pela norma padrão, pautado pela gramática normativa. De acordo com Faraco (2008), em geral, são variedades monitoradas consideradas da língua por seguimentos sociais urbanos e que se posicionam de forma hierárquica. Na verdade, o que existe é um multidialetalismo, que se situa nas margens sociais e geográficas do Brasil, gerando um preconceito em relação às variantes de menor prestígio, como sendo inferiores.

Este trabalho surgiu das inquietações da autora acerca do tratamento dado às questões linguísticas no contexto escolar, sobretudo ao tema da variação linguística e da gramática internalizada, pouco discutido e trabalhado no ambiente escolar. Além do mais, há o incômodo em observar que muitas vezes as dificuldades que os alunos apresentam em relação às atividades linguísticas são tratadas como se estas ocorressem em função de falta de capacidade. Na verdade, elas estão relacionadas ao desconhecimento da escola em relação às variedades linguísticas existentes no Brasil, que tenta trabalhar a língua materna como se fosse algo estático, homogêneo ou, até mesmo, intocável; como, aliás, defendem muitos gramáticos. A língua portuguesa, como todas as outras línguas humanas, é para ser compreendida como um organismo vivo, heterogêneo, passível de variação e mudança, sofrendo a influência de vários fatores linguísticos e sócio-históricos. A respeito desse aspecto, Antunes (2007) atenta para o fato de se valorizar a linguagem de mundo que o aluno traz para o chão da escola.

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente (ANTUNES, 2007, p. 41).

Concordamos com Antunes, pois, para ser eficaz, o falante precisa saber quem é seu interlocutor e aquilo que pode ser previsto como já conhecido para dizer apenas o que precisa ser dito, quais são seus interesses e, conseqüentemente, qual sua disposição para participar de determinada interação. Ao passo que, é preciso identificar qual modalidade da língua (oral ou escrita) é mais recomendável em determinadas situações e qual registro seria mais adequado

(formal ou informal). Diante desse percurso, percebemos uma consciência linguística de teóricos da língua, como Antunes, bem como de ações das instituições governamentais.

Apesar desses esforços, ainda é necessário um maior empenho da escola por um ensino de língua cada vez mais efetivo, atuante e contextualmente significativo. Torna-se um ato de cidadania aceitar o desafio de rever e reorientar a nossa prática de ensino da língua, que apesar das mudanças já empreendidas, ainda não abarca uma escola capaz de formar leitores, nem pessoas capazes de se expressar de forma coerente e relevante.

Observamos uma movimentação no interesse da tomada de consciência acerca da relevância em assegurar o acesso à educação básica a todos os brasileiros, de todas as classes sociais. Há muito tempo o preconceito linguístico vem sendo discutido, entretanto, observa-se que a maioria das escolas ainda não atentou para tal discriminação.

Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o desafio é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação linguística preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Em uma alusão aos PCNs (1998), constatamos que o documento postula que a escola deve oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos, sabendo ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; expressar-se adequadamente em situações oral e escrita, diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua (BRASIL,1998).

Esses postulados se traduzem, no documento, em duas instâncias que devem ser trabalhadas articuladamente: primeiro, no uso da língua oral e escrita, que incorpora práticas de escuta e de leitura e práticas de produção de textos orais e escritos; segundo, promovendo uma reflexão sobre a língua e a linguagem, que incorporam práticas de análise linguística. No entanto, é preciso voltar nosso olhar para o cenário atual e buscar meios de compreender e diagnosticar as práticas pedagógicas atuais, para que seja possível conceber meios de transformá-las e adequá-las aos paradigmas que os PCNs colocam.

O âmago da postulação acima são as práticas sociais, a condição para que se dê o ensino da língua e as situações reais de interação. A língua é concebida como uma atividade social e possui múltiplas ideologias advindas de perspectivas políticas, culturais e econômicas específicas. Dessa forma, é salutar que a escola forneça aos alunos condições favoráveis à



apropriação de mecanismos linguísticos, sejam discursivos, sejam gramaticais, de forma a instrumentalizá-los para que interajam socialmente em diferentes instâncias, dando ênfase às práticas de leitura e escrita voltadas para situações diversificadas e próximas do uso concreto na sociedade.

Por acreditar que o registro popular da língua deve servir de ponto de partida para se trabalhar o registro formal, temos como questão norteadora levar a escola ao debate, sobretudo, nas escolas de Ensino Fundamental, sobre a questão da heterogeneidade da língua, partindo da realidade linguística do aluno, conduzindo-o a uma educação linguística. As escolas têm como desafio não desprivilegiar o registro informal dos alunos e levá-los ao uso da língua padrão.

Nossa pesquisa teve como objetivo geral investigar, por meio de aplicação de uma intervenção de base sociolinguística, como os alunos do 7º ano de uma escola pública, na disciplina Língua Portuguesa, podem se apropriar de uma educação linguística que os instrumentalizem a reconhecerem a heterogeneidade linguística e a usarem variantes linguísticas, inclusive a norma culta.

No que se refere aos objetivos específicos, procuramos identificar a importância de adequação da linguagem nas modalidades de usos da língua a diferentes contextos sociais, a fim de alcançarmos uma Educação Linguística pautada nos significados sociais dos falantes. Além disso, discutimos as formas que as variações linguísticas podem ser trabalhadas no ambiente escolar, procurando levar professores e alunos a uma reflexão acerca desses aspectos linguísticos no processo educacional, com foco voltado para o ensino da língua materna, considerando as experiências linguísticas que os alunos trazem para o ambiente escolar. Colocamos em prática uma proposta de intervenção sobre variação linguística conjuntamente com alunos do 7º ano de uma escola pública e analisamos o resultado alcançado com a proposta e o projeto, observando se os alunos se apropriam de uma educação linguística.

Foi a partir dessas observações e constatações que a nossa proposta de pesquisa se pautou, bem como com base na nossa experiência na Escola Estadual de Ensino Fundamental Imaculada Conceição, na cidade de Cabedelo-PB, trabalho efetuado com os alunos do 7º ano do ensino fundamental da escola supracitada. Buscamos compreender as expectativas dos alunos ao utilizarem a língua de forma a adequá-la às várias situações de uso. Para isso, procuramos auxiliá-los no sentido de suavizar a realidade linguística que gera tantos preconceitos.

No tocante às ações da nossa pesquisa, esta foi estruturada nas seguintes etapas: aplicação do questionário, atividade diagnóstica, preparação do plano de ação, preparação das

aulas interventivas, aplicação das aulas de intervenção, nova atividade diagnóstica e análise dos dados obtidos.

Nosso trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, de base teórica, é abordada a variação linguística, tratando da heterogeneidade da língua e suas implicações no tocante à necessidade de se trazer à baila uma educação linguística, mostrando a importância de se desconstruir o preconceito linguístico, ainda tão presente nas esferas escolares. Para fundamentarmos a investigação, recorreremos aos embasamentos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004, 2008), Cavalcante (2014), Bagno (2007), Antunes (2007), Faraco (2002) e PCN (1998).

No segundo capítulo, discutimos acerca do conceito de norma padrão, norma culta e norma não padrão, desvelando os seus desdobramentos nos estudos linguísticos, nas perspectivas de Bagno (2007) e Faraco (2007).

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia utilizada na nossa intervenção, o contexto em que ela se deu, o perfil dos sujeitos, a delimitação do *corpus* da pesquisa e como foi construída a proposta de intervenção, com os progressos obtidos ao longo do trabalho de reflexão acerca da consciência linguística e suas consequências sociais, em busca de uma reeducação sociolinguística que culmine em uma educação linguística. Com ela, o objetivo é de que os alunos alcancem a competência linguística e reconheçam a diversidade que há na língua, a partir de variados fatores como: regionais, sociais, econômicos e históricos, entre outros.

No quarto capítulo, explanamos as análises e resultados da pesquisa interventiva, quando discorreremos sobre a produção final dos sujeitos investigados, com o intuito de analisarmos se a aplicação contribuiu para que os alunos refletissem sobre as diferentes variedades linguísticas utilizadas no Brasil e como essa diversidade pode contribuir nas suas vidas. A esse respeito nos balizamos por Bortoni-Ricardo (2004, p. 42), quando afirma que:

Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a *identificação* da diferença e a *conscientização* da diferença. A identificação fica prejudicada pela falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores tenham a respeito daquela regra. Para muitos professores, principalmente aqueles que têm antecedentes rurais, regras do português próprio de uma cultura predominantemente oral são “invisíveis”, o professor as tem no seu repertório e não as percebe na linguagem do aluno, especialmente em eventos de fala mais informais.

Durante as intervenções, procuramos identificar traços comuns existentes em nossos falares (professor/aluno), para assim mostrar aos sujeitos da pesquisa que isso é algo comum e que as diferenças são consequências da diversidade inerente ao ser humano. Ressaltamos a

importância de um olhar por parte dos professores de Língua Portuguesa, no sentido de despertá-los para entender tal diversidade como um processo que faz parte da linguagem humana.

No capítulo que trata das considerações finais, traremos a conclusão acerca dos objetivos propostos, comentando os dados obtidos após as realizações das atividades propostas. Ressaltamos a importância da proposta de heterogeneidade linguística para a nossa prática pedagógica, a qual nos possibilitou refletir sobre uma pedagogia sociolinguística em sala de aula. As questões relacionadas às dificuldades do ensino de Língua Portuguesa vêm sendo discutidas, partindo-se do pressuposto de que os estudos linguísticos avançaram muito e ganharam espaço por identificarem e sistematizarem a heterogeneidade linguística, trazendo à baila questões importantes referentes ao ensino de línguas no processo ensino/aprendizagem. Um bom exemplo disso é o Mestrado Profissional em Letras, o Profletras, que tem o compromisso de capacitar professores para o exercício da Docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de ensino no Brasil.

## **2 A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA COMO ATIVIDADE SOCIAL E FENÔMENO HETEROGÊNEO**

### **2.1 A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL**

É de conhecimento geral que não existe língua uniforme e, portanto, que todas acomodam variação no tempo e no espaço. Sabemos que o comportamento linguístico está relacionado à condição social, isto é, que os grupos de falantes em nossa sociedade são diferenciados, entre outros motivos, pelo seu desempenho linguístico. No Brasil, país caracterizado pela má distribuição de renda, os falantes que dominam a variedade padrão são mais bem aceitos do que os que não dominam, dando origem às diferenças linguísticas que parecem acompanhar as diferenças sociais e econômicas. É inegável o prestígio do português culto em detrimento do português coloquial. Na verdade, a língua padrão constitui um forte valor cultural na sociedade.

Nesse sentido, a escola brasileira tem um papel importante, ao criar espaço na perspectiva da cidadania linguística voltada para um processo de valorização da diversidade, possível através do ensino da Língua Portuguesa voltado para uma educação linguística, na qual o professor deve se conscientizar de que a língua se transforma no tempo e se diversifica no espaço.

Vale ressaltar a importância de se estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas, para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme em um laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. Este é um papel que vem sendo desempenhado por meio de um estudo sociolinguístico, onde é possível justificar os diversos falares de uma comunidade, dando margem para perceber a diversidade de expressões linguísticas que estabelecem diferenças de comunicação, desacordos e choques nas mais variadas situações.

Considerando-se a relevância de desenvolver em sala de aula uma reflexão sobre a diversidade linguística no repertório dos professores e dos alunos de ensino fundamental, Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) fala que “é no momento em que o aluno usa flagrantemente uma regra não padrão e o professor intervém, fornecendo a variante padrão, que as duas variedades se justapõem em sala de aula”.

A autora chama a atenção para o fato de que o professor não deve considerar como “erro” uma deficiência do aluno, mas enxergar esse “erro” como uma diferença entre as duas

variedades (padrão e popular), despertando uma conscientização do aluno sobre tais diferenças, não deixando espaço para que ocorra o preconceito linguístico.

## 2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

A sociolinguística ocupa um papel essencial no espaço escolar, pois investiga a língua que está sendo usada à nossa volta como objeto legítimo de estudo, levando-nos a uma reflexão sobre a realidade dos falantes dessa língua. A maioria dos problemas encontrados no ensino fundamental reside no fato de que o método de ensino da Língua Portuguesa não dá ênfase a práticas de leitura e de escrita voltadas para situações diversificadas e próximas do uso concreto na sociedade. Daí a grande importância de um trabalho conjunto entre escola e comunidade, em prol de uma educação linguística.

Observamos, entretanto, que os PCNs absorveram aspectos relevantes da sociolinguística, necessários ao desenho de um novo paradigma de ensino da língua materna. A concepção da língua como dotada de heterogeneidade sistemática, com função social, comunicativa e como fator de identidade dos grupos e de demarcação das diferenças sociais que ocorrem na comunidade de fala, é um ponto dos PCNs que merece destaque.

Tal concepção desencadeou uma revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem. A revisão sugerida pelos PCNs enfatiza a necessidade de o professor de língua não prescindir da percepção do fenômeno da variação linguística no português do Brasil.

Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística (BRASIL, 1998, p. 29).

Essa abordagem pode conduzir a uma interpretação de que o texto propõe mudanças apenas terminológicas, nas quais se trocaria a “fala correta” pela “fala adequada”, conforme orientam os PCNs (1998).

Para isso, faz-se necessário um trabalho direcionado a uma nova concepção de ensino de Língua Portuguesa voltado para o domínio amplo de uma Educação Linguística. Para tanto, há várias formas de conseguir esse domínio. Uma delas diz respeito ao contexto em que a educação linguística é aplicada, com os métodos utilizados e com o sujeito-falante para qual ela se volta. Dessa forma o aluno garante o acesso aos diversos saberes linguísticos, essenciais para o exercício da cidadania.

### 2.3 EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: EM BUSCA DE UMA DEMOCRATIZAÇÃO NA ESCOLA

Apesar dos avanços na área da linguística, ainda há, em nossa sociedade, preconceito relativo à linguagem das pessoas, pois há o privilégio a um único modo de falar, considerado padrão, por estar de acordo com as regras da gramática tradicional, em detrimento do falar popular, classificado como “errado”, das comunidades mais desprestigiadas socialmente.

A educação linguística tem como objetivo trazer para a escola a proposta de uma língua viva e real, na qual o estudante se identifique, utilizando ferramentas que fazem parte do cotidiano dele, levando-o a perceber, a partir de uma reflexão, os vários usos que se faz da língua, como ela funciona e quais os efeitos no uso dessa linguagem, seja em uma situação formal ou informal.

Nesse sentido, seria pertinente que a escola direcionasse seu olhar, com o objetivo de sanar o preconceito linguístico dirigido aos alunos que, de certa forma, são marginalizados pelo uso dessas variantes. Isso poderia ser feito por meio do trabalho com as múltiplas realidades linguísticas nos ambientes de aprendizagem, desconstruindo o mito de que a língua é homogênea e imutável, mostrando que na linguagem oral existe a variante e que ela é utilizada pelas pessoas em diversos momentos de suas vidas, principalmente na comunicação oral, passando a conhecer a verdadeira diversidade linguística do nosso país. Como diz Faraco (2008, p. 173), quando fala sobre as variedades cultas, afirmando que:

São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal e à cultura escrita.

Como podemos observar, os dois primeiros objetivos dizem respeito à competência sociocomunicativa dos alunos, entendida como a habilidade de detectar o que é adequado ou inadequado na língua, em cada uma das práticas sociais em que estamos inseridos. Tais objetivos se reportam também ao uso das modalidades oral e escrita da língua. O último se reporta à reflexão sobre os fenômenos linguísticos em variação e sobre a necessidade do respeito às diferenças.

Podemos inferir que a linguagem não se constitui de uma prática que se aprende ou que se faz, mas sim de algo inerente à natureza humana. É preciso que a escola assegure aos alunos o respeito pelo registro popular em relação às manifestações linguísticas trazidas por eles, as quais são oriundas do seu ambiente familiar e da sua comunidade. Vale ressaltar que, por ser a língua historicamente situada e heterogênea, sujeita a variações e mudanças no espaço e no tempo, é preciso que se trate a língua na situação de produção e no contexto comunicativo, sem restringir as análises sobre o funcionamento dos diversos itens gramaticais, pois a finalidade do ensino é o bom uso que se faz da língua. Para isso, é necessária uma reflexão acerca da língua que está em uso, não desprivilegiando o registro popular, mas fazendo com que os alunos entendam que também é muito importante o conhecimento da variante padrão.

De acordo com Perini (2010, p. 21):

Para nós, “certo” é aquilo que ocorre na língua. É verdade que quase todo mundo tem suas preferências, detesta algumas construções, refere à pronúncia de alguma região, etc. Mas o linguista precisa manter uma atitude científica, com atenção constante às realidades da língua e total respeito por elas. Se ele verifica que as pessoas dizem frases como se você ver ela, fala com ela pra me telefonar, precisa reconhecer essa construção como legítima na língua. Por outro lado, em um texto escrito, ele provavelmente encontraria se você a vir, diga-lhe que me telefone, e essa construção igualmente precisa ser reconhecida. As duas coexistem, cada qual no seu contexto.

É preciso que a escola fique atenta para não impor variedades julgadas como únicas e a corretas. É um trabalho que deve ser viabilizado por um profissional minimamente capaz de compreender a língua como algo vivo e que faz sentido tão somente dentro de um contexto.

Sabemos que em muitas escolas ainda predomina a prática de ensino pautado em normas gramaticais. Estas se sobrepõem ao uso da língua na sua funcionalidade. Nesse sentido, ressaltamos que tais práticas podem causar o desinteresse dos alunos por sua própria língua, uma vez que não veem sentido em decorar regras descontextualizadas, que em nada ajudam a se tornarem indivíduos que possam usufruir da língua em benefício próprio e do ambiente em que estão inseridos.

Partindo-se do princípio de que o aluno já chega à escola dominando uma complicada gramática e usa as regras do sistema da língua internalizados, pois chegam capacitados a

produzirem sentenças bem formadas naquela língua, é preciso que haja um direcionamento das práticas nas aulas de Língua Portuguesa, no sentido de apresentar propostas que levem o estudante a utilizar a linguagem de forma efetiva, em situações formais e informais.

Compartilhando dessa opinião temos alguns dos estudiosos da linguagem, a exemplo de Cavalcante (2014), Bagno (2014), Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007) e Faraco (2002), entre outros. Eles defendem a aplicação de um ensino voltado para o uso real dos falantes, seja no meio social ou no ambiente escolar, adequando às situações de uso. Nesse sentido, a escola tem como desafio promover condições para que o aluno desenvolva suas habilidades comunicativas e possa usá-las com segurança nos contextos sociais em que interage. Para isso, se faz mister respeitar a riqueza e a diversidade linguística existentes na sala de aula, na escola e na comunidade, promovendo, assim, um meio de interação entre eles. Segundo Travaglia (2002), a maneira como se concebe a natureza fundamental da língua(gem) afeta profundamente o fazer pedagógico do professor de língua em seu trabalho com os alunos. Para o autor, trazer para os alunos as diferentes formas que determinadas palavras apresentam em lugares diferentes do Brasil, assim como colocar frente a frente a língua culta e a coloquial, desperta a curiosidade desses alunos para conhecerem as peculiaridades da própria língua, bem como os percalços que podemos encontrar para nos comunicar com outros falantes da nossa língua.

Das considerações acima, sobre a forma de como se concebe a linguagem em sala de aula, vale ressaltar que cabe ao professor detectar o que é adequado ou inadequado na língua em cada uma das práticas sociais em que estamos inseridos. Isso implica ter conhecimento sobre a estrutura e o funcionamento da língua em seus diferentes níveis, bem como o uso adequado das diferentes variedades linguísticas às múltiplas situações, seja no ambiente de aprendizagem ou na sociedade.

#### 2.4 ESTUDO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Para tratarmos especificamente das variedades linguísticas, no intuito de discutir acerca de uma Educação Linguística nas práticas escolares do Ensino Fundamental, balizamo-nos por vários teóricos, mas nosso foco principal é a teoria da sociolinguística trazida por Bortoni-Ricardo.

Para a autora, a escola frente tem um importante papel no que diz respeito às diferenças sociolinguísticas. Faz-se necessário que as escolas não ignorem as peculiaridades linguístico-culturais trazidas pelos alunos e nem queiram substituí-las pela língua da cultura



institucionalizada. O interessante é que tais escolas aproveitem as variedades para mostrar que além dessas, há uma variante padrão para todos os usuários da língua e que esta também é importante, dependendo da situação em que a língua for empregada.

A variedade linguística dos alunos precisa ser respeitada e valorizada, sem que seja negada a oportunidade de aprendizado das variantes de prestígio, pois a língua é um dos bens culturais mais importantes para a ascensão social. Dessa forma, um dos problemas do ensino da língua materna seria amenizado, pois a questão da variação linguística é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes que interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de apropriação do saber.

Essa perspectiva amplia o valor da língua, dando-lhe uma importância cultural mais extensa, respeitando as variantes linguísticas, no intuito de desenvolver a competência do falante. Para uma melhor compreensão das variedades linguísticas do português brasileiro, a fim de trabalhar com essa diversidade na escola, Bortoni-Ricardo (2004) propõe a abordagem sociolinguística em sala de aula, através da análise de três contínuos: o de urbanização, o da oralidade-letramento e o de monitoração estilística, desfazendo as diferenças entre língua padrão, dialetos e variantes não padrão que compõem a língua.

A autora considera essa diversidade como uma inadequação ou variedade, jamais erro, sugerindo a análise dos três contínuos:

a) contínuo de urbanização, que pode ser entendido como uma linha imaginária, em que, em um polo estão situados os falares rurais mais isolados e, no outro, os falares urbanos, influenciados, sobretudo, pelo processo de padronização da língua, pela noção de “norma correta” de escrita e de pronúncia propagada pela escola. Quando os sujeitos migram da zona rural para a urbana e conservam traços da zona rural em permuta com traços da zona urbana, origina-se o que a autora nomeia de *rurbano* – eles são chamados de contínuos. São comuns nessas falas o que a autora nomeia de *traços descontínuos* – o falante mantém alguns modos de falar da sua região de origem. Por esta razão, eles são muito estigmatizados, como por exemplo, com o uso de *nóis vai*, *nóis veve*, *truvo*, este último seria uma corruptela do termo culto *turvo*, ficando claro que no contínuo os falantes *rurbanos* ficam divididos entre os dois polos, rural e urbano;

b) contínuo de oralidade-letramento, por sua vez, diz respeito aos eventos de comunicação mediados pela língua escrita em um polo e, em outro, os eventos de oralidade, nos quais não há influência direta da língua escrita. Este contínuo pode ser exemplificado em uma situação comunicativa na qual um falante tem a preocupação ao se expressar de forma mais cuidadosa, por exemplo, ao apresentar uma defesa de dissertação, na qual precisará seguir

algumas orientações sobre postura, expressões, etc. Ao sair, este mesmo falante encontra colegas e conta como foi sua defesa; neste momento, ele se expressa de modo espontâneo e informal, dando origem ao que a autora classifica de evento de oralidade;

c) contínuo de monitoração estilística. Aqui ocorrem as diferenças linguísticas nas realizações que vão desde a conversa espontânea até as previamente planejadas pelo falante. Frequentemente sujeito a pressões externas, como a escola, a mídia, entre outros, disso resultam construções muito monitoradas, que se caracterizam como o falar culto.

Bortoni-Ricardo (2004) faz referência à classificação dos três contínuos como algo que pode favorecer uma consciência linguística da variante no Brasil. Dessa forma, ao trabalhar tais contínuos, gera-se essa consciência na escola. Assim é possível promover uma Educação Linguística, descaracterizando o ensino da língua que valoriza tão e somente a variedade padrão.

### 3 NORMA CULTA, NORMA PADRÃO E NORMA NÃO PADRÃO

Quando o ensino de Língua Portuguesa é correlacionado ao conflito existente entre norma padrão e norma culta, denota-se uma relação ambígua, pois ainda é comum, na escola, uma norma linguística anacrônica. Na maioria das vezes, ela não leva em consideração a realidade sociolinguística dos alunos, causando um desinteresse por parte deles.

Sobre norma padrão e norma culta, Bagno (2007, p. 104) chama a atenção, dizendo que “norma padrão” e “norma culta” não são sinônimos, e que é preciso fazer a distinção entre ambas.

É preciso fazer uma crítica atenta dos termos que vêm sendo empregados para classificar a variação linguística do português brasileiro, com uma atenção especial à expressão “norma culta”, que é extremamente ambígua e problemática. Além do fato de se confundir o uso real da língua por parte dos falantes privilegiados da sociedade urbana (a norma culta dos linguistas) com o modelo idealizado de língua “certa” cristalizado nas gramáticas normativas (a norma padrão dos linguistas), como se faz geralmente, existe também o problema contido no uso do adjetivo “culto”.

Nesse sentido, a norma padrão cumpre um efeito unificador, bloqueando a variação linguística e privilegiando um seletivo grupo da população. O autor faz a seguinte indagação: por que chamar de culto apenas o que vem das camadas privilegiadas da população? E por que opor “culto” a “popular”, como se o povo não tivesse cultura e como se os falantes “cultos” não fizessem parte do povo? É o que explica Faraco (2007, p. 104-105):

Há na designação norma culta um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo “culto”, por exemplo, tomado em sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Tal perspectiva está, muitas vezes, presente no universo conceitual e axiológico dos falantes da norma culta, como fica evidenciado pelos julgamentos que costumamos fazer dos falantes de outras normas, dizendo que estes “não sabem falar”, “falam mal”, “falam errado”, “são incultos”, “são ignorantes”, etc.

Contudo, não há grupo humano sem cultura. Tomando-se a língua enquanto fenômeno social, cujo uso é regido por normas culturais, além de ter o domínio da língua, os falantes precisam usá-la adequadamente, como bem demonstram os estudos antropológicos. É preciso trabalharmos criticamente o sentido do qualitativo “culto”, apontando seu efetivo limite: ela diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura, isto é, à cultura escrita.

A expressão “norma culta” deve ser entendida como algo designado à norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por

aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita. Em especial, por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.

Sendo assim, discutimos no presente estudo os conceitos de “norma padrão”, “norma culta” e “norma popular”, trazendo à tela algumas conclusões de pesquisas sociolinguísticas realizadas no Brasil. Em seguida, discorreremos acerca de algumas implicações dessas pesquisas no trabalho com gramática no ensino de Língua Portuguesa em salas de nível fundamental da Escola Básica.

Partindo-se do pressuposto de que a prática gramatical sempre ocupou, e ainda ocupa, um grande destaque nas aulas de português - embora o texto esteja mais presente no espaço escolar graças às influências dos avanços da Linguística Textual e das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é sabido que discutir o ensino de gramática na escola é essencial e necessário para que haja uma reflexão e aprendizagem da norma padrão brasileira. No entanto, para que os usuários da variedade linguística possam ter a relação ensino/aprendizagem facilitada, os professores não devem ocultar os usos linguísticos das comunidades, mas, ao contrário, devem partir desses usos no processo de ensino da norma padrão.

### 3.1 A LÍNGUA E SEUS USOS

Muito tem sido discutido acerca do artificialismo da norma padrão brasileira, estabelecendo-se um contraponto entre esta e as normas, ao passo que a língua considerada padrão é utilizada pelos falantes ditos cultos no Brasil. Essa discussão é feita com vistas a destacar a maneira como se dá o trabalho com a análise linguística na Educação Básica.

Defende-se que, apesar de o ensino da gramática sempre ter recebido um destaque no âmbito escolar, os professores, e todo o aparato escolar, a exemplo das orientações presentes em gramáticas normativas e livros didáticos, não realizam um trabalho de reflexão linguística, mas apenas de prescrição linguística. Não é comum, por exemplo, existir, na escola, a comparação entre normas e variedades do português, algo importantíssimo na relação ensino/aprendizagem de análise linguística. Com o intuito de discutir sobre o abismo que separa a norma padrão brasileira de outros usos linguísticos existentes no Brasil, faz-se salutar rememorar duas obras literárias brasileiras:

Dê-me um cigarro  
 Diz a gramática  
 Do professor e do aluno  
 e do mulato sabido  
 Mas o bom negro e o bom branco  
 Da Nação brasileira  
 Dizem todos os dias  
 Deixa disso camarada  
 Me dá um cigarro.

#### Vício na Fala

Para dizerem milho dizem mio  
 Para melhor dizem mió  
 Para pior pió  
 Para telha dizem teia  
 Para telhado dizem teiado  
 E vão fazendo telhados.<sup>1</sup>

Os textos acima são pertinentes para ilustrar as posições defendidas neste estudo. No primeiro poema de Oswald de Andrade, temos uma ilustração de quanto a fala brasileira dita culta está distante do artificialismo existente na prescrição gramatical adotada pela escola, ao passo que é seguida por sujeitos favoráveis à ideologia do “purismo linguístico”. Já no segundo poema, Vício na fala, também de Oswald de Andrade, observamos que o autor sugere uma reflexão acerca do preconceito que as classes populares sofrem em relação às suas falas, muito distante da utilizada na cultura letrada. Esta normatizada por um padrão elitizante e com padrões lexicais, gramaticais, fonológicos e, até mesmo, ideológicos, diferentes do registro popular.

A escola deve contribuir para fomentar a autoexpressão linguístico-cultural da comunidade, respeitando a riqueza e a diversidade linguística existente na sala de aula, na escola e na comunidade, promovendo, um meio de interação entre os mesmos. É interessante observar que essa nova perspectiva de estudo linguístico dirimirá a ideia antiga de que a vertente padrão culta é a única variedade digna de ser aprendida e/ou valorizada no âmbito escolar.

É mister que os alunos aprendam a utilizar as diferentes variedades de nossa língua materna, conforme as situações práticas de uso, valorizando todas as variedades, sem menosprezar uma em detrimento de outra. Sendo assim, o aluno assume o devido papel de protagonista de sua história, e se habitua a refletir e interagir de forma efetiva, nos variados contextos sociais em que estiver inserido.

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Oswald de. **Poesias Reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

Para isso, é necessário desenvolver a competência discursiva do aluno, dando-lhe condições de aprendizagem e socialização, a partir de uma educação que busque aprimorar a capacidade plena de comunicação escrita, estimulando o conhecimento de variadas culturas a partir do meio no qual está inserido. A esse respeito, Bagno (2002, p. 80) argumenta que:

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística.

O que se constata é que, apesar de todo conhecimento desenvolvido pelos estudos da língua(gem) em relação às características das gramáticas do português brasileiro, por exemplo, esses conhecimentos não têm chegado à sala de aula ou não têm sido usados pelos professores como elementos de reflexão, para que os alunos possam entender as diferenças entre variedades coloquiais e a variedade padrão da língua. Sobre isso, Faraco (2002, p. 40) reflete:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua-padrão.

Contra-pondo-se a isso tudo, surgem as questões relativas a uma pedagogia da variação linguística inserida em uma proposta pedagógica baseada nos princípios da inclusão, do acolhimento e do respeito aos alunos como portadores de saberes e vivências, que constroem conhecimento através da interação social.

Os PCNs, que explicitamente defendem um enfoque enunciativo do ensino de língua, contribuíram largamente para fomentar a discussão pedagógica e estimular um espírito de renovação constante na prática docente.

O melhor caminho para a mudança do ensino de Língua Portuguesa na escola talvez seja o já escolhido por alguns estudiosos da linguagem que, em lugar da crítica radical e distanciada da realidade escolar, optaram por um diálogo com professores e alunos, partindo de seus conhecimentos linguísticos, teóricos e empíricos para saltos maiores.

O que propomos com esta pesquisa não é abandonar de vez o ensino da gramática, mas redimensioná-lo, incluindo uma série de outras atividades com a língua que levem à aquisição de noções de maior importância, tais como a intencionalidade linguística, o papel da situação de produção na construção do sentido dos enunciados, o preconceito linguístico, as variedades

linguísticas e a variação de registro. A ideia é utilizar a gramática de uso para ampliar a gramática internalizada do falante. A esse respeito, Antunes (2007, p. 65) alerta que:

Em termos bem gerais, podemos dizer que estudar gramática leva a procurar explorar o conhecimento de outras áreas, de outros domínios e assumir a certeza de que, ao lado do conhecimento da gramática, outros são necessários, imprescindíveis e pertinentes. Portanto, não tem fundamento a orientação de “não é para ensinar gramática”. Repito: não é para ensinar apenas gramática.

Observando a língua como dinâmica e em constante movimento, constatamos que, sendo construída, reconstruída e desconstruída, ela não pode ser classificada como estável, ainda mais em um país de contexto diglótico, que são as diferentes formas de se falar a mesma língua, como acontece no Brasil. Dessa forma, concluímos que os estudos gramaticais avançaram muito com o advento dos ramos da Linguística que enfocam a linguagem enquanto fatos sócio-históricos: a Sociolinguística. Essas subáreas da ciência da linguagem, por identificarem, analisarem e sistematizarem a heterogeneidade linguística, chamaram atenção para questões referentes ao ensino de línguas, ou melhor, sobre implicações linguísticas no processo ensino/aprendizagem escolar.

Durante o processo de intervenção, foi possível perceber como as práticas pedagógicas ainda estão balizadas pelo ensino tradicional da língua. Mesmo que o professor da disciplina de Língua Portuguesa já tenha discernimento de que tal prática está ultrapassada, o sistema de ensino ainda não permite uma inovação no sentido de sensibilizar acerca da Educação Linguística.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na investigação. Discorremos acerca do contexto da pesquisa em que foram realizadas as atividades interventivas didático-pedagógica e, em seguida, as etapas de investigação seguidas ao longo deste trabalho. Apresentamos também como foi realizada a produção inicial, bem como a análise do *corpus* selecionado, com o intuito de identificar os conhecimentos que os alunos possuíam a respeito do tema variação linguística. A partir desses dados, propomos a intervenção com a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa, com base nos pressupostos teóricos discutidos anteriormente e que embasam as reflexões sobre a adequação da linguagem nas variadas situações de uso.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, é pertinente ressaltar que os procedimentos adotados para a realização do trabalho foram revistos, à medida que a pesquisa se desenhava, razão pela qual apresentamos aqui um resumo das ações desenvolvidas e dos procedimentos utilizados no decorrer da intervenção.

Evidenciamos, a partir desse ponto, os pressupostos teóricos metodológicos da Sociolinguística, área que abrange o estudo descritivo de todos os aspectos da sociedade e seus efeitos, inclusive envolvendo as normas culturais, contexto e expectativas, na linguagem e na forma como são usadas na sociedade de cunho variacionista. Tudo isso com o foco de desenvolver as habilidades linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa, conforme explorado na introdução deste trabalho.

Sendo assim, o estudo tem caráter de uma pesquisa-ação, nas perspectivas de Thiollent (2011) e Engel (2000), e foi desenvolvida com os alunos do 7º ano de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Cabedelo-PB. Para Engel (2000, p. 184), uma das principais características da pesquisa-ação é o fato de que ela:

Procura diagnosticar um problema específico numa situação também específica, com o fim de atingir uma relevância prática dos resultados. Não está, portanto, em primeira linha interessada na obtenção de enunciados científicos generalizáveis (relevância global).

Nesse sentido, na perspectiva de Engel, a pesquisa-ação é caracterizada por propor intervenção direta no contexto e em relação aos sujeitos pesquisados. É o tipo de pesquisa participante e engajada. Temos o que se denomina de pesquisa-ação, pois não objetivamos apenas observar o fenômeno e descrevê-lo, a fim de confirmar algo. A pretensão do trabalho é propor ações que visem à interferir e melhorar a realidade dos sujeitos e do contexto pesquisado.



O autor aponta para o modelo tradicional de pesquisa, ressaltando que uma das principais diferenças da pesquisa-ação em relação a ela é a junção da pesquisa à ação ou à prática, uma necessidade que a pesquisa-ação deseja superar desde o seu surgimento. Isso pode ser percebido na apresentação das características essenciais da pesquisa-ação e as suas fases, que começam com a definição de um problema, seguida de uma pesquisa preliminar, formulação de hipótese, desenvolvimento e implementação de um plano de ação, coleta de dados para avaliação dos efeitos da implementação do plano, avaliação do plano de intervenção e comunicação dos resultados.

Engel (2000, p. 182) acrescenta que umas das características deste modelo de pesquisa é que “através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto”. Essa intervenção é inovadora porque, além de fugir do padrão tradicional de apresentar ou dar a solução (como se o pesquisador finalmente descobrisse a verdade ao final da pesquisa), ela não tem a pretensão de apresentar verdades científicas absolutas, mas, pelo contrário, tem o objetivo de dialogar crenças e práticas com os participantes da pesquisa, o que, segundo o autor, pode levar a um resultado específico imediato, no contexto do ensino aprendizagem.

Comungando com as ideias de Engel, Thiollent (2011, p. 20) reforça que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ainda nos pautamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual apresenta um caráter intervencionista e descritivo, pois conduz os sujeitos e pesquisados a uma interação entre si. Trata-se de uma forma de obtermos dados, uma vez que ocorreram visitas prévias à escola, no sentido de conhecermos as estruturas físicas e os recursos humanos desta. O estudo também foi descritivo, pois todo ele está sendo relatado no texto final deste trabalho. Por se tratar de um trabalho que também se baseou em documentos, a exemplo dos oficiais, a pesquisa é ainda documental.

Dentro dessa concepção, é necessário empreender uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica para promover a reflexão. A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2008, p. 49) afirma que:

O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnográfica, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” o dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam.

Considerando a realidade de uma pesquisa que permite conhecer o contexto da sala de aula, em que o professor realiza estudo em meio às ações do seu ofício, é necessário analisar como acontece a interação entre sujeitos e práticas sociais de uso da linguagem. Nessa perspectiva, procuramos despertar uma nova concepção acerca da língua que está sendo usada à nossa volta, como um objeto legítimo de estudo em favor de uma educação linguística.

Nesse tipo de pesquisa, a prática é compreendida como práxis, na qual tanto pesquisador como os sujeitos pesquisados estão diretamente envolvidos em uma perspectiva de mudança, concentrando-se no que é relevante para a formação humana e intelectual dessas pessoas, considerando os contextos sociais em que estão inseridos. Assim, um dos principais problemas do ensino de língua materna seria, pelo menos, amenizado. A questão da variação linguística é, sem dúvida, um dos fatores importantes que interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de apropriação do saber.

Esperamos, com esta pesquisa, trazer uma proposta de novas práticas pedagógicas e aprimorar as já existentes, produzindo conhecimentos novos ou nestas ancorando. Além disso, a pesquisa-ação propicia a transformação do cenário no qual é realizada, podendo, ainda, melhorar as atividades didáticas. No campo educacional, a pesquisa-ação é bastante enfatizada, devido à relevância de seu caráter pedagógico. Os sujeitos, ao pesquisarem sua própria prática, produzem novos conhecimentos e, ao fazê-lo, deles se apropriam e ressignificam sua prática, assumindo novos compromissos de cunho crítico, compatíveis com a realidade em que estão inseridos, compreendendo a língua como um fenômeno variável, heterogêneo e mutável.

Felizmente, observamos que essas questões relacionadas às dificuldades do ensino de Língua Portuguesa vêm sendo discutidas, partindo-se do pressuposto de que os estudos linguísticos avançaram muito e ganharam espaço por identificarem e sistematizarem a heterogeneidade linguística, trazendo à baila questões importantes referentes ao ensino de línguas no processo ensino/aprendizagem.

Um bom exemplo disso é o Mestrado Profissional em Letras, o Profletras. Oferecido em rede nacional, é um curso de pós-graduação *stricto sensu*, que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do sistema Universidade Aberta do Brasil-UAB, sendo coordenado pela Universidade Federal Grande do Norte - UFRN.

#### 4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa se classifica como de natureza qualitativa e apresenta um caráter intervencionista e descritivo, pois conduz os sujeitos pesquisados a uma interação com o pesquisador. Nosso estudo foi realizado em uma Escola Municipal, localizada na cidade de Cabedelo/PB. Na oportunidade, investigamos como os alunos concebem as variantes populares que circulam no meio deles, considerando a norma padrão. Ademais, a nossa pretensão foi desconstruir o preconceito que há em relação às variantes linguísticas.

Nossa investigação analisou a variação linguística com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Educacional. Tal teoria ocupa um papel essencial no espaço escolar, pois investiga a língua que está sendo usada à nossa volta como objeto legítimo de estudo, levando-nos a uma reflexão sobre a realidade dos falantes dessa língua, bem como da pesquisa etnográfica e da pesquisa-ação. O foco é apreender a visão que os alunos têm da língua portuguesa, mais especificamente aquela relacionada aos usos diferentes da língua padrão.

O trabalho esclarece a noção de preconceito linguístico, ao passo que chama a atenção para a necessidade de o aluno usar e considerar o português padrão, instigando-o ao domínio dos saberes linguísticos, desmistificando crenças e preconceitos em conformidade com o conhecimento da diversidade linguística na Língua Portuguesa, a partir de uma abordagem sociolinguística. A partir dela, os alunos farão uso da adequação da linguagem, que permite uma desmistificação de preconceitos linguísticos e desenvolve uma reflexão acerca dos diversos usos da língua, contribuindo para que haja uma conscientização da língua, pautada na compreensão de que ela é homogênea, dinâmica e múltipla de variedades.

Com base, na pesquisa-ação, bem como na pesquisa etnográfica, foi aplicado questionário (Apêndice II), com o intuito de entender a realidade etnográfica, cultural e social dos alunos e sua relação com as interferências da variedade linguística.

#### 4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Conselho de Ética e Pesquisa (CEP/CCS), da Universidade federal da Paraíba (UFPB), sendo aprovado por unanimidade na 5ª reunião realizada no dia 16/06/2016, intitulado: EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: DO REGISTRO POPULAR DO ALUNO À NORMA PADRÃO, conforme parecer de nº 0240/16.

### 4.3 A ESCOLA E SUJEITOS DA PESQUISA

Quando se fala do segundo ciclo do Ensino Fundamental, é de suma importância traçar o perfil dos sujeitos participantes da presente pesquisa. Nosso estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Imaculada Conceição, na cidade de Cabedelo-PB. Os sujeitos da pesquisa foram 20 alunos do 7º ano do ensino fundamental II, com faixa etária de 12 a 15 anos. Em sua maioria, eles são alunos provenientes de famílias com baixa renda e residem nas proximidades da escola. A partir dos dados coletados, por meio do questionário sociolinguístico aplicado, podemos colher tais informações para traçarmos o perfil desses sujeitos, de acordo com a situação socioeconômica deles.

Em relação à escola, observamos que possui uma estrutura externa boa, na qual há um espaço apropriado para as crianças fazerem atividades físicas. Possui um laboratório de informática, vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, alimentação escolar para os alunos e uma sala de leitura.

### 4.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Nossa pesquisa dispôs dos seguintes materiais: Carta de anuência, Carta de aceite da Universidade Federal da Paraíba, Termo de consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, questionário sociolinguístico que objetivou identificar a realidade etnográfica, social e cultural dos alunos, seus hábitos de leitura e os hábitos das pessoas com os quais eles convivem. Utilizamos, ainda, exercícios com a variação linguística, cartazes com a temática, tirinhas e contação de história.

### 4.5 RISCOS E BENEFÍCIOS

A pesquisa apresentou riscos e benefícios aos sujeitos participantes, pois trabalhamos com o tema diversidade linguística. Para tanto, foi preciso termos cuidado, pois corremos o risco de sermos mal interpretados, principalmente no que tange à abordagem feita às variantes que não se adequam à norma padrão, vista na sociedade com maior prestígio e valor. Usamos de sutileza ao abordarmos as diferenças linguísticas, a fim de não gerar preconceito em relação às variantes que não se adequam à variante padrão socialmente prestigiada.

Acreditamos que a pesquisa trouxe significativos benefícios aos sujeitos, pois pautou-se em uma perspectiva sociolinguística e deu suporte para que os alunos percebessem a

linguagem nos seus diversos contextos sociais, reconhecendo-se como sujeitos que se situam nos diferentes contextos sociais. Além disso, adequando a sua linguagem às situações de uso, seja no âmbito formal ou informal, isto é, esclarecendo que existem formas diferentes de variantes, como também as que são defendidas nos manuais de gramática, ressaltando a importância de ambas.

Através das atividades propostas, esperamos que os alunos reconheçam a sua competência linguística, e, dessa forma, assumam a posição de sujeitos competentes na língua, percebendo a diversidade linguística como uma riqueza da nossa sociedade, ao lado de outras diversidades culturais. A partir daí, objetivamos que eles produzam novos conhecimentos e, ao fazê-los, deles se apropriem e os ressignifiquem.

## **5 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA**

O aluno chega à escola com um repertório linguístico rico e variado. Nesse aspecto, a Sociolinguística alerta a escola sobre a necessidade de abordagem da heterogeneidade linguística sobre as diferenças, especialmente porque a democratização trouxe à escola alunos de vivências diversas. A Sociolinguística contribui para a nova postura do professor, para a definição de conteúdos e metodologias, cabendo à escola propor uma ampliação dos objetos de ensino, tendo em vista que a língua, enquanto uso, não é constituída apenas de uma gramática. Ela supõe um conhecimento de mundo, das regularidades textuais e também das normas sociais. O resultado disso é a variação linguística, levando a afirmar que a língua não é estanque e nem hegemônica.

Nesse sentido, utilizamo-nos da teoria sociolinguística dos três contínuos, proposta por Bortoni-Ricardo, a fim de levar o aluno, por meio de atividades, a serem capazes de fazer reflexões linguísticas, identificando fenômenos das variantes em estudo. Para isso, faz-se necessária uma reflexão acerca do uso hegemônico que se faz da língua, com o propósito de levar os sujeitos a uma reflexão consistente, no sentido de reconhecer a heterogeneidade linguística e, a partir desse reconhecimento, desenvolver uma Educação Linguística.

Diante dessas considerações, delineamos a nossa pesquisa.

### **5.1 PASSOS DADOS NA PESQUISA-AÇÃO**

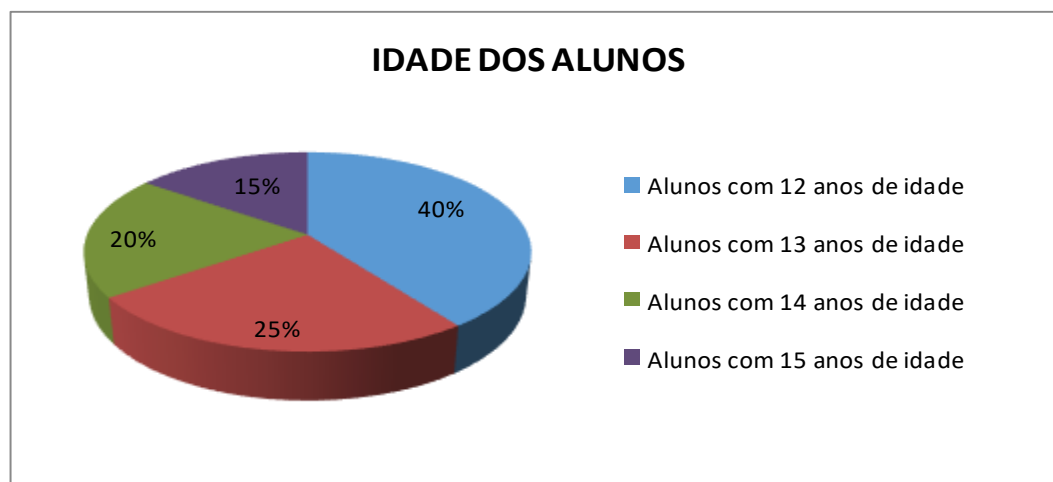
### 5.1.1 Análise do Primeiro encontro

Para trabalhar a questão da diversidade linguística, no sentido de desenvolver uma educação linguística, temos como objetivo intervir nas dificuldades apresentadas pelos alunos falantes de variedade(s) diversa(s) à da escrita padrão, e compreender as hipóteses construídas, no confronto do oral com o escrito. Esta pesquisa adotou como metodologia investigar, por meio de uma proposta de intervenção de base sociolinguística, como os alunos do 7º ano de uma escola pública, na disciplina Língua Portuguesa, podem se apropriar de uma educação linguística que os instrumentalizem a usarem variantes linguísticas, inclusive a norma culta. Iniciamos a coleta de dados com uma sondagem informal, na qual indagamos acerca do lugar de origem dos sujeitos – se tinham família ou amigos que eram de outros lugares. Discorremos sobre as regiões do Brasil, mostrando que cada uma tem uma forma peculiar de nomear algumas palavras e que este tema seria explorado posteriormente.

Os fatores que influenciam e determinam a variação linguística dos falantes de uma língua são: idade, sexo, grau de escolaridade, profissão e local onde reside. Além desses, há também fatores que dizem respeito à situação de comunicação propriamente dita, como: ambiente, tema, estado emocional do falante e grau de intimidade entre os interlocutores.

No primeiro momento, por meio de um questionário, conhecemos um pouco dos alunos da nossa pesquisa, no que se refere às características sócio geográficas, por meio de escolaridade dos pais e profissão, bem como a idade dos alunos entrevistados. As atividades foram aplicadas em momentos diferentes e estão descritas a seguir:

**Gráfico 1 - Idade dos alunos**

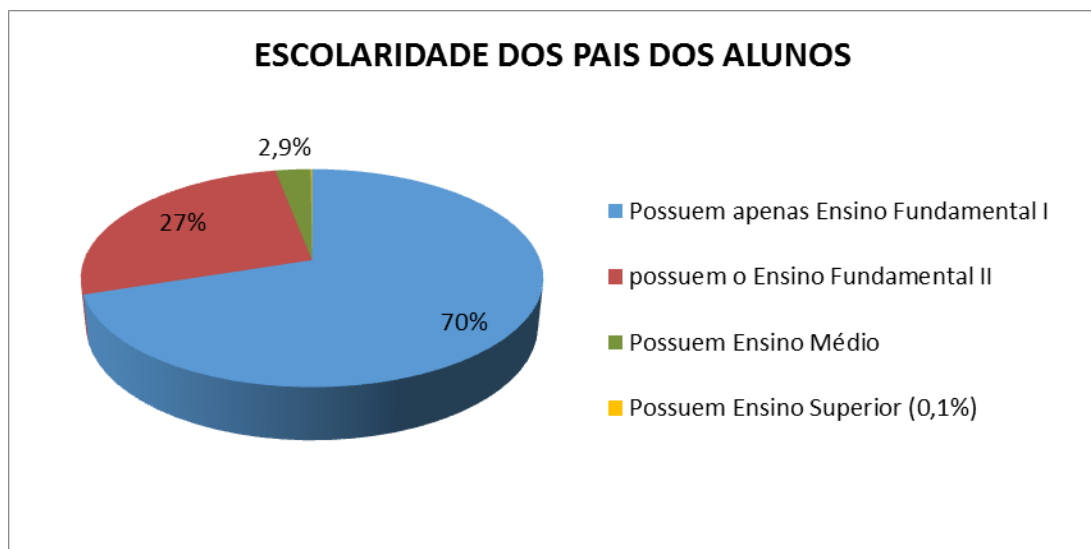


Fonte: Pesquisadora (2016)

Observamos, a partir da análise dos resultados obtidos, que os sujeitos da pesquisa contabilizaram 20 alunos do 7º ano do ensino fundamental com idades entre 12 a 15 anos, de acordo com os dados coletados através do questionário sociolinguístico aplicado. Segundo eles, 40% são alunos que têm 12 anos de idade, 25% são alunos com 13 anos, 20% alunos têm idade de 14 anos e 15% dos alunos têm 15 anos de idade, denotando que os sujeitos com idades de 15 anos se encontram fora da faixa etária escolar. Isso se dá por inúmeros fatores extraescolares, que influenciam para que ocorra a repetência na escola. Tais fatores dizem respeito às más condições de vida e subsistência de grande parte da população escolar brasileira, bem como as péssimas condições econômicas, responsáveis dentre outros fatores pela fome, falta de moradias adequadas e de saneamento básico. Enfim, tem-se todo um conjunto de privações que a classe menos favorecida convive.

Durante o processo de investigação, obtivemos alguns resultados pertinentes à discussão acerca dos alunos fora de faixa, envolvendo idade avançada, bem como o meio no qual está inserido. Isso mostra que o ambiente sociocultural influencia na formação desses sujeitos, tendo em vista que eles moram em um bairro considerado carente. Constatamos que a língua muda conforme o contexto social.

**Gráfico 2** - Escolaridade dos pais dos alunos



Fonte: Pesquisadora (2016)

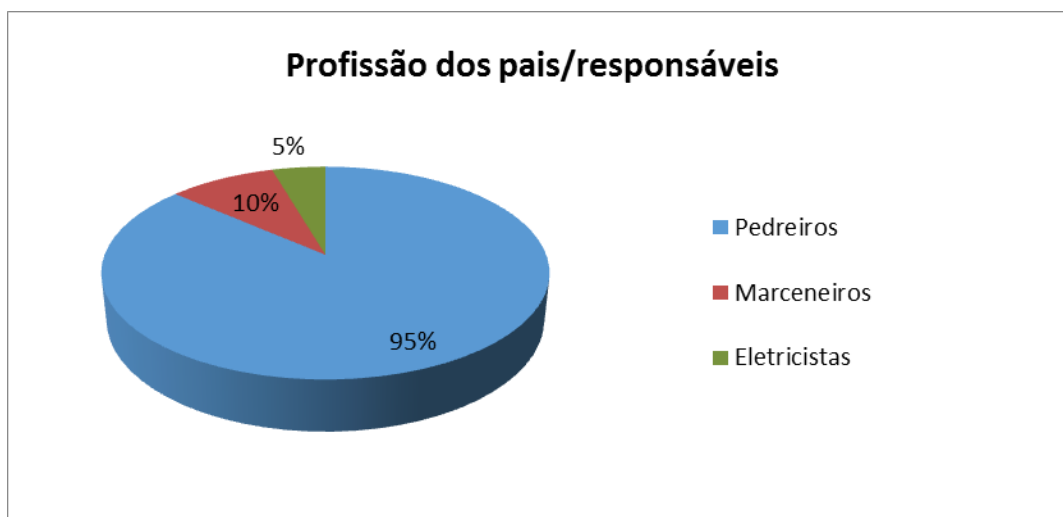
Com relação à escolaridade dos pais dos alunos participantes da pesquisa, observamos que a maioria possui pouca escolaridade, visto que 70% dos pais têm apenas o Ensino Fundamental I (compreende do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental); 27% possuem o Ensino

Fundamental II (compreende do 6º ao 9º ano); 2,9% cursaram o Ensino Médio, e apenas um dos pais (representado 0,1%) possui Ensino Superior.

A análise dos dados serviu de suporte para contextualizarmos as ações em relação à pouca escolaridade dos pais dos sujeitos, ressaltando que a formação sociocultural dos pais influencia de forma substancial na relação dos alunos com o ambiente de aprendizagem, especialmente no caso de uma sociedade tão desigual quanto o Brasil, onde grande parte da variação no desempenho escolar está associada ao nível socioeconômico e a características familiares. Filhos de famílias com melhores condições socioeconômicas (condições financeiras e escolaridade, principalmente) tendem a ter melhor desempenho, maior alcance educacional e melhores performances nos resultados educacionais.

No entanto, se por um lado, é na família que estão as principais explicações do aprendizado e desempenho escolar, por outro, à escola também está destinado um lugar importante nesse processo. Para Bortoni-Ricardo (2004), os papéis sociais são definidos por normas socioculturais. É algo que já está cristalizado na nossa cultura e também se reflete na língua. A autora trata das variedades com maior prestígio e poder, ressaltando que nada têm de superior às demais variações, a não ser pela ideologia dominante, que está associada à política e à economia.

**Gráfico 3** - Profissões dos pais/responsáveis (masculino)



Fonte: Pesquisadora (2016)

Já no que tange ao ofício exercido pelos pais, salientamos que provêm de baixa remuneração. Isso reforça a ideia da importância de se traçar o perfil sociolinguístico e

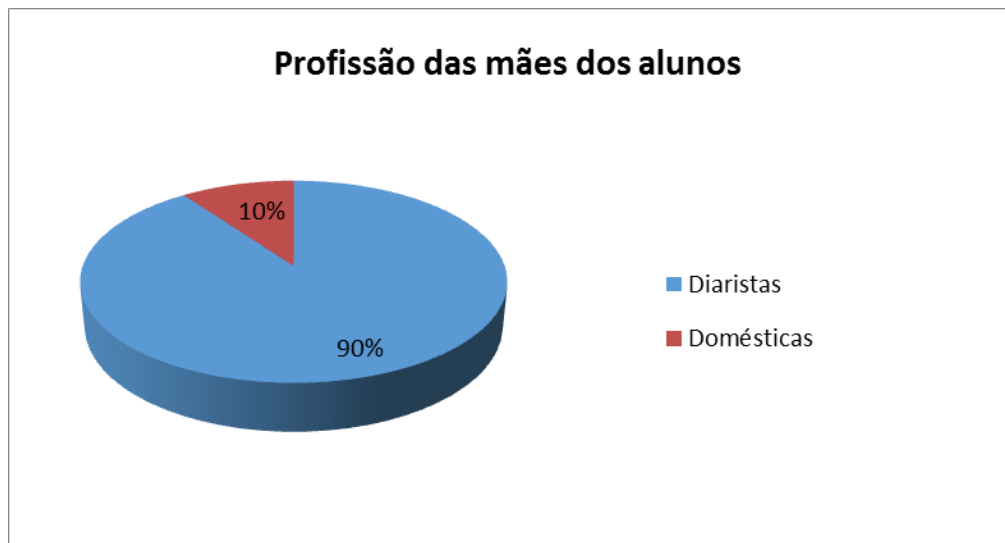


econômico dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a fim de rever a forma de se estudar a língua em uso.

Constatamos que a maioria das famílias dos sujeitos sobrevive de serviços informais. Aquelas que têm serviços formais, possuem renda baixa, pois os adultos da comunidade escolar possuem pouca ou nenhuma escolarização, o que os submete a empregos que exigem pouca qualificação.

Observamos também que 95% dos pais são funcionários da construção civil e 15% são eletricitas e marceneiros. Com isso, constatamos que são profissões com baixa remuneração, reforçando o perfil socioeconômico dos sujeitos pesquisados e exaltando a necessidade de abordagem da heterogeneidade linguística sobre as diferenças, especialmente porque a democratização trouxe à escola alunos de vivências diversas.

**Gráfico 4** - Gráfico de profissões das mães dos alunos



Fonte: Pesquisadora (2016)

Já em relação às mães dos sujeitos da pesquisa, 90% trabalham como diaristas e 10% são domésticas, como mostra o gráfico acima. São mães que precisam melhorar a renda e, para tanto, necessitam trabalhar fora e na maioria das vezes ficam o dia inteiro longe de casa. Isso mostra que essas mães também necessitam de um trabalho com a educação linguística. A partir dessas informações, fica claro a importância de os pais também terem uma escolaridade, bem como um tempo disponível para a participação nos deveres de casa. Quanto mais tempo os pais podem dedicar aos filhos, há mais chances de os filhos obterem boas performances educacionais.

Se assim ocorresse, haveria uma interação pautada na educação linguística, ao passo que o envolvimento dos pais seria um incentivo à dedicação das tarefas escolares, com o intuito de garantirem maior desempenho. Conseqüentemente, haveria melhorias nas relações com os colegas e diminuição do preconceito, no que tange ao modo de se comunicar.

### 5.1.2 Análise do Segundo encontro

Considerando os dados obtidos a partir do questionário, avançamos para o segundo momento do estudo, que teve por objetivo fazer uma sondagem sobre o conhecimento do aluno a respeito das variantes utilizadas por sua comunidade e familiares.

Começamos com uma conversa informal na sala de aula, nela fizemos uma apresentação dos sujeitos. Iniciamos um diálogo com os alunos sobre as variedades linguísticas, buscando apreender a impressão que eles (os alunos) têm da Língua Portuguesa, especificamente as que são do uso diferente do padrão, diálogo este transcrito, em parte, a seguir. Para que mantivéssemos a identidade dos alunos protegida, identificamos “Professora” e os alunos de 1 a 8, representando os nomes dos sujeitos da pesquisa que participaram ativamente do diálogo, pois a maioria ficava atenta, mas se limitava a escutar.

- Professora: O que vocês percebem na minha forma de falar?
- Aluno 1: Percebi que a senhora fala direito, só podia ser professora de português.
- Professora: Vocês notaram algum sotaque na minha fala?
- Aluno 2: Sim. É forte o jeito de falar.
- Professora: Esse “jeito” que vocês consideram forte é típico das pessoas de origem sertaneja, de onde venho, não é melhor e nem pior que os outros falares, é diferente.
- Professora: Aqui na sala de aula todos falam da mesma forma?
- Aluno 3: Eduardo fala diferente.
- Professora: E por que o Eduardo fala “diferente”?
- Aluno 3: Porque ele nasceu em Curitiba e tem sotaque.
- Professora: O que vocês notam de diferente na fala de Eduardo?
- Aluno 4: Ele chia, professora.
- Professora: Eduardo “chia” porque veio de uma outra região (Paraná), e por isso mantém esse sotaque, é o que chamamos de variação geográfica.
- Professora: Na rua que vocês moram tem alguém que fale de forma diferente da sua?
- Aluno 5: Meu vizinho é do sítio e fala algumas coisas erradas, professora!

- Professora: Erradas como? Você pode exemplificar?
- Aluno 5: Ele fala que barrêu a calçada.
- Professora: E você entende o que ele falou?
- Aluno 5: Entendo, mas eu falo varrer, professora.
- Professora: Veja bem, Aluno 5, seu vizinho fala diferente por ser oriundo da zona rural, não quer dizer que ele fale errado. Ele conviveu muito tempo com pessoas que falam da mesma forma e manteve esses traços mesmo morando na cidade, é o que denominamos de variação geográfica.
- Aluno 6: Na minha rua tem um monte de gente que fala ramo imbora.
- Professora: Esse termo “ramo imbora” é uma forma diferente de se expressar, se formos colocar na forma escrita como ficaria?
- Aluno 6: Ficaria vamos embora?
- Professora: Isso mesmo, na escrita ficaria vamos embora.
- Aluno 7: Tem outros que falam tá ligado? E apoi é grave.
- Professora: “Tá ligado” “e apoi é grave” são gírias utilizadas por determinados grupos que se comunicam, mas vale ressaltar que tais gírias não ficariam bem em uma redação, por exemplo.
- Aluno 7: Quer dizer que pode falar a gíria, mas quando for escrever não pode?
- Professora: Sim, em algumas situações informais vocês podem usar as gírias, sim.
- Aluno 6 e 7: Entendemos professora, depende da hora, não é?
- Professora: E da situação!
- Aluno 8: Professora, a minha avó vive me chamando de infitete. O que significa infitete?
- Professora: Significa infeliz, a sua avó faz um xingamento. Vejam que é uma palavra que você não conhecia. Essa palavra geralmente é falada por pessoas mais velhas, daí temos uma variação linguística de época ou histórica.
- Professora: Vamos continuar. Para vocês, qual o motivo das pessoas falarem “diferente”?
- Aluno 7: Porque moram em outros lugares?
- Aluno 8: Meu pai nasceu no Rio de Janeiro, professora, e fala também chiando doiiiiiiis.
- Professora: Seu pai fala de acordo com a região de origem, no caso o Rio de Janeiro.
- Professora: Gente, nossa conversa está muito produtiva e por isso gostaria de fazer mais uma pergunta. Depois dessas informações aqui relatadas, vocês acham que todas as pessoas falam da mesma maneira?
- Alunos 1,2,3,4,5,6,7,8: Não, professora!
- Aluno 8: Alguns falam bem difícil, principalmente os mais velhos.

Nesta breve sondagem foi possível perceber que os encontros que sucederiam seriam de grande relevância para todos os envolvidos na pesquisa, pois introduzimos o tema variação linguística e houve grande troca de vivências entre pesquisador e pesquisados, promovendo, a reflexão acerca das variadas formas de falares existentes no nosso país. Isso tudo com o intuito de desconstruir o preconceito linguístico, fomentando uma reflexão a respeito da utilização da adequação da linguagem ao seu contexto de uso, como ficou evidenciado na fala dos alunos identificados como 6 e 7. Eles teceram comentários acerca da adequação que se faz nos usos da língua no momento em que destacaram que entenderam que a gíria até pode ser usada, desde que seja em situações mais informais.

Com base em outros momentos do diálogo pudemos perceber, a partir das asserções dos alunos, que eles têm um certo preconceito quanto aos modos de falar de pessoas advindas da zona rural e que mantêm alguns traços da fala da região, como no exemplo do vizinho do aluno que fala “barrer” ao invés de varrer, e também com o personagem Chico Bento, que fora citado ao longo da conversa. Notamos também um certo desconforto dos alunos ao citarem o uso de palavras proferidas por pessoas mais velhas, que convivem com esses sujeitos, como foi o exemplo da avó do aluno que o chama de “infítete”, ao xingar seu neto. O desconforto aconteceu por conta do desconhecimento de tal palavra por parte do aluno, ao passo que explicamos que se tratava de uma palavra antiga, que também denominamos de arcaica, e é mais utilizada por pessoas mais velhas.

Em relação aos dialetos minoritários, que segundo Bortoni-Ricardo são línguas faladas em áreas metropolitanas por grupos sociais não alfabetizados de antecedentes rurais, ou em áreas rurais expostas a influências modernizadoras, não iremos nos deter no conceito de variedades urbanas. Apenas trouxemos a definição por considerar que, segundo a autora, as variedades definidas por ela também sofrem estigmatização dessas línguas, consideradas minoritárias (toda e qualquer língua falada por uma minoria, em um estado nacional).

Perini (2010, p. 21) tece comentários a esse respeito, quando explana que:

Para nós, “certo” é aquilo que ocorre na língua. É verdade que quase todo mundo tem suas preferências, detesta algumas construções, prefere a pronúncia de alguma região, etc. Mas o linguista precisa manter uma atitude científica, com atenção constante às realidades da língua e total respeito por elas.

De acordo com a citação acima, é importante que o professor tenha conhecimento sistematizado dos fenômenos linguísticos e, com isso, aborde, de forma eficiente, o aprender sobre a língua, respeitando o seu direito de conhecer a norma-padrão, de refletir sobre a realidade linguística e de decidir sobre seus usos, em conformidade com as situações de

interação. Além disso, é preciso que ele construa propostas didáticas que promovam uma educação linguística.

Desenvolvemos o trabalho nessa direção, a partir da sistematização da proposta de intervenção, que nos apontou as impressões dos alunos acerca do que eles entendiam por variação linguística. Nesse sentido, faz-se pertinente mostrar aos alunos que a variação pode acontecer no vocabulário, na pronúncia e até nos significados das palavras, dependendo da situação, da região geográfica, da idade ou profissão.

### **5.1.3 Análise do Terceiro encontro**

O terceiro momento teve como objetivo realizar atividades de linguagem, na escola, sobre a interação social por meio da linguagem, além do reconhecimento e representação da realidade linguística por diferentes textos e trabalho em prol do combate ao preconceito e discriminação sociais na linguagem. Isso com o intuito de retomarmos ao tema variação linguística, que foi comentado em uma roda de conversa no primeiro encontro, com os sujeitos desse estudo.

#### *5.1.3.1 Primeira Atividade: Heterogeneidade e estigmatização*

Nas atividades desenvolvidas foi feito o reconhecimento da heterogeneidade linguística como um dos princípios básicos para levar os alunos ao desenvolvimento de competências de sua língua, bem como a um trabalho de educação linguística.

Tempo: 02 aulas (encontros) de 50 minutos.

Objetivo da Atividade 01: discutir e identificar com o aluno a variação linguística presente nos diálogos na tirinha de Chico Bento e Zé Lelé, ou seja, textos de falantes da zona rural, distanciados pelo contexto geográfico, levando o aluno a fazer uma reflexão sobre as variantes diferentes das normas urbanas de prestígio.

Nessa tirinha, os personagens, por viverem na roça, falam dialeto “caipira”. Eles falam de forma diferente daqueles que moram na cidade, haja vista que os personagens citados têm origem rural e suas falas apresentam peculiaridades dessa região.

Conversa sobre o texto:

Pergunto para eles o que acharam do diálogo e a maioria responde que os personagens falam errado. Intervenho e pergunto o que seria “errado” para eles. Um aluno responde: eles

falam “espeio” e “oiando”. Então explico que a forma como os personagens falam são variações que a língua comporta de acordo com a região, condição social, cultural, histórica e situacional. Sugiro que realizem a atividade, após a minha intervenção.

A maioria dos alunos conseguiu, nessa atividade, identificar a variação e respondeu corretamente. Houve a participação de 18 alunos, e destes apenas 3 não atingiram a resposta apropriada, que seria a letra “a”. Esses três alunos apresentaram dificuldades acentuadas de interpretação, não compreendendo enunciados um pouco mais complexos. Eles não tinham conhecimento linguístico exigido para o pleno desenvolvimento dos conteúdos relacionados ao 7º ano.

Eis as atividades:

**Figura 1** - Variedade Linguística - Maurício de Souza



Fonte: <http://www.brasilecola.com/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>

Questão 1: Marque as opções corretas em relação à variedade linguística empregada pelos personagens dessa tira (Zé Lelé e Chico Bento):

- I - A língua sofre uma variação linguística por conta de diferenças de lugar ou região.
- II - Há na fala das personagens a presença do dialeto caipira, como em “espeio” e “oiando”. Do ponto de vista linguístico, essa fala é considerada errada e não é aceita.
- III - De acordo com a norma-padrão, o diálogo ficaria assim: “Está se olhando no espelho, Zé Lelé?” / “Eu não!” / “Ele é que está me olhando”.
- IV- A tira perderia a expressividade com o emprego da norma-padrão, pois não haveria coincidência entre o perfil das personagens e a linguagem que ele utiliza.

a) Apenas I - III - IV (correta)

- b) Apenas o I
- c) Apenas o IV

Bortoni-Ricardo (2004) sugere que Chico Bento – personagem de Maurício de Sousa – poderia se transformar em um símbolo do multiculturalismo, que deveria ser cultivado nas nossas salas de aula. Ao observarmos a tirinha de Chico Bento em um diálogo com Zé Lelé, ambos moradores da zona rural, os alunos pesquisados tiveram a oportunidade de conhecer as variantes, bem como tecer hipóteses sociais relacionadas ao seu uso. Na tirinha, há um diálogo entre dois personagens: Chico Bento e Zé Lelé. Precisamos ter em mente que, apesar de ser um registro escrito, as tirinhas tentam representar como os personagens falam.

Analisando a fala de Chico Bento e Zé Lelé: (oiando, espeio), observamos que eles fazem uso de um traço fonológico variável do português brasileiro, que é altamente estigmatizado. Cabe ao professor de Língua Portuguesa, neste caso, trabalhar essas marcas linguísticas, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, que possibilita o entendimento das diferenças linguísticas condicionadas por diferentes espaços geográficos, comunidades, classes sociais, faixas etárias, níveis de formalidade, etc.

Para ilustrar esse processo identitário, reproduzimos um trecho retirado de Bortoni-Ricardo (2004, p. 53):

Alguns itens são típicos dos falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano. Dizemos, então, que esses traços têm uma distribuição descontínua porque seu uso é “descontinuado” nas áreas urbanas. Há outros traços na nossa listinha do Chico Bento que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo. Esses traços, ao contrário dos outros, têm uma distribuição. Observe que os traços descontínuos são os que recebem a maior carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas.

De acordo com a proposta de classificação dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004), depois de analisar as falas dos personagens Chico Bento e Zé Lelé, observamos a presença dos traços classificados pela autora como graduais. Assim, as expressões “oiando” e “espeio” são o que Bortoni-Ricardo nomeia de traços descontínuos. Tais traços são bastante comuns na modalidade oral, como aponta alguns estudos sociolinguísticos sobre o português brasileiro.

A esse respeito, evidenciamos que os alunos pesquisados apresentaram exemplos que denotam esses traços, como por exemplo, na fala do aluno 5, ao se referir à fala do vizinho: “Ele fala que barrêu a calçada”.

### 5.1.4 Texto 02 da primeira atividade: Variação e mudança

Objetivo da atividade 02: Ler o texto “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, e perceber que a língua muda com o tempo.

Texto 2: Antigamente - Carlos Drummond de Andrade.

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugir nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua, nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d’água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia de muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete, depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco.

ANDRADE, C. D. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983 (fragmento).

**Tabela 1:** Glossário

<b>Glossário</b>	
<b>Expressão</b>	<b>Significado</b>
Cair nos braços de Morfeu	Dormir
Debicar	Zombar
Tunda	Surra
Tugir	Murmurar
Convescote	Lanche oferecido pelos amigos
Treteiro de topete	Tratante, atrevido
Abrir o arco	Fugir
Bilontra	Velhaco

Fonte: Pesquisadora (adaptado do site Brasil Escola, 2016)



A partir desta atividade interventiva com a crônica “Antigamente”, do poeta Carlos Drummond de Andrade, foi possível constatar que o autor, ao fazer uso de expressões antigas, caracteriza certa geração, seus modos de viver, seu grupo social e o momento da história no qual esse grupo está inserido. Podemos constatar, ao longo da atividade, que ao se trabalhar o caráter variacionista da língua, as modificações ao longo dos anos, que de certa forma refletem as transformações ocorridas na sociedade, originando o surgimento ou desaparecimento de palavras, pela sua variação social, evidenciam que a língua tem caráter móvel e é capaz de atingir os mais variados propósitos. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004) sugere que as diferenças dialetais do português podem ser analisadas a partir dos contínuos de urbanização, de monitoração estilística e de letramento.

Durante a atividade interventiva, houve uma boa interação com os alunos. Ao final da atividade fizemos algumas perguntas, a fim de examinar se os alunos conseguiram atingir o entendimento sobre o que seria variação diacrônica.

- Professora: Quem sabe me dar um exemplo de um jeito de falar de pessoas mais velhas da sua família?
- Aluno 1: Eu sei, professora. Minha avó fala que vai “arear as panelas”, do jeito que tem no texto, “arear os dentes”.
- Professora: E o que você entendeu por “arear os dentes”?
- Aluno 1: Esfregar os dentes.
- Aluno 2: A palavra “mangando”, que tem no texto, eu sei que é rir de outra pessoa.
- Professora: Isso mesmo, “tirar sarro”, “caçoar ou rir de alguém”.
- Professora: Nessa expressão “mangando”, aluno 2, a variação ocorre de uma região para região, e este é um dos tipos de variação mais utilizada em qual região?
- Aluno 4: Na nossa região, professora.
- Professora: Isto mesmo, essa expressão é mais utilizada na região nordeste.
- Professora: Quais palavras vocês encontraram no texto que podemos falar de uma outra forma, denotando haver uma variação, uma mudança?
- Aluno 2: “Entra no couro”, professora. O meu pai fala isso quando tá bravo comigo.
- Professora: E agora? Vocês acham correto “caçoar” das pessoas que falam de forma diferente?
- Alunos 1, 2, 3 e 4: Não, professora. As pessoas falam assim porque têm um motivo, que é a variação linguística.
- Professora: Essas mudanças que acontecem na forma de falar que estão sendo observada por vocês, são exemplos de diferenças diatópicas (distribuídas no espaço geográfico), diastráticas

(distribuídas no espaço social) e diafásicas (distribuídas por contexto), como nos casos que vocês citaram.

Ao final dessa interação de forma oral, a respeito do texto trabalhado, os alunos foram capazes de perceber a variação contida nas diferentes situações. Para isso, deram vários exemplos de pessoas mais velhas de sua família que utilizam um vocabulário que eles consideravam estranho e que, a partir dessas discussões, perceberam que era diferente o que levou os sujeitos envolvidos a distinguirem diferença linguística de erro linguístico. Um deles levantou o braço e falou que a partir dessas aulas não iria mais ridicularizar as pessoas que falam de forma diferente da sua, pois não se tratava de erro, e sim de diferença, e que a forma de falar muda de acordo com o lugar e a situação, como mostraram o texto e as discussões.

Depois das discussões orais acerca do fragmento da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, passamos para a questão referente ao texto supracitado.

Questão 1 (referente ao Texto 2):

Na leitura do fragmento do texto 2, “Antigamente”, do poeta Carlos Drummond de Andrade, constatamos que há expressões que não são mais usadas no português brasileiro atual. Esse fenômeno revela que (assinale apenas uma alternativa):

- a) A língua portuguesa de antigamente carecia de termos para se referir a fatos e coisas do cotidiano.
- b) O português brasileiro se apoia na língua inglesa para ser reconhecido como língua independente.
- c) O português brasileiro representa uma realidade linguística variável e mutável.

Continuando com a proposta de trazer para os alunos várias formas de variação linguística presentes no Brasil, fizemos a leitura do texto observando todos os traços linguísticos diferentes para eles. Tal texto consta de uma carta de amor com expressões que estão em desuso e nosso objetivo foi mostrar as diferentes formas de linguagem nas diversas situações de uso, conforme o nosso interlocutor e nosso repertório linguístico. Isso foi trabalhado para propiciar ao aluno a experiência didática com a heterogeneidade no que se refere à correlação entre usos linguísticos e contextos sociais, culturais, geográficos, históricos e situacionais.

### 5.1.5 Segunda atividade: Norma e variação

Tempo: 02 aulas (encontros) de 50 minutos

Objetivo da atividade: Produzir um texto a partir do fragmento do texto “Excelentíssima Senhora”, de Olavo Bilac, com o objetivo de tratar a variação na norma padrão atual, mostrando ao aluno que a língua é mutável e se altera, bem como o uso da formalidade.

Texto 03: Excelentíssima Senhora - Olavo Bilac (Fragmento)

Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia, me ama. Dizem, porque da boca de V. Excia, nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia, nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca obtive, porque V. Excia, ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda esperança de ser amado. Separemo-nos. [...].

Disponível em: <http://www.brasilecola.com/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Como podemos perceber, o grau de formalismo no texto é imenso, pois a carta está escrita na variedade padrão, ou seja, na norma culta. Língua padrão é a denominação comum dada a um conjunto de normas linguísticas baseadas no uso consagrado dos chamados bons escritores, como é o caso de Olavo Bilac, privilegiando, portanto, a modalidade escrita. Tais normas partem de uma atitude linguística estabilizadora, indo de encontro ao princípio fundamental da heterogeneidade linguística. A esse respeito, Faraco (2002, p. 40) reflete que:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua-padrão.

A variante padrão é o modelo de língua que foi criado para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados e corretos. No entanto, o que observamos é que essa forma padrão e dita “ideal” acaba por distanciar os falantes que têm uma ideia de

língua muito influenciada por uma tradição escrita. Sendo assim, algumas variedades que fogem da formalidade, como a gíria, o jargão, o caipira etc., são variedades linguísticas, denotando que essas formas não estão erradas, visto que tudo depende do contexto e a situação ao qual estão inseridas. O mais importante, ao redigirmos um texto, é saber a qual leitor e contexto ele está sendo dirigido.

Podemos verificar que o texto de Olavo Bilac faz referência a um português formal, situado em uma época passada, a um outro contexto sócio-histórico. Trata-se, portanto, de um texto escrito formal, em conformidade com a norma padrão ensinada na escola. Veja que a namorada é tratada por Excelentíssima senhora. É também retratada a forma como as declarações de amor eram feitas na época passada.

Propusemos aos alunos a reescrita desse texto, adequando à variedade linguística atual e usada por eles (os jovens), para fazerem uma declaração a alguém que eles estimassem.

A partir dessa intervenção, foi possível observar que os alunos compreendiam as duas situações de variação histórica. Sendo assim, construíram seus textos adequando-os à sua linguagem.

Conversa sobre o texto:

- Professora: Vocês observaram alguma curiosidade na forma que o poeta se dirige a sua musa?
- Aluno 1: Sim professora, é com respeito.
- Aluno 2: Eu notei que o cara levou um fora, professora.
- Professora: Vejam que a linguagem que o autor utiliza é bem diferente da forma que os jovens se dirigem a uma moça nos dias atuais.
- Professora: Vocês irão reescrever essa carta, adaptando às formas de falares de vocês na atualidade.
- Aluno 3: Eu vou escrever pra “minha *boyzinha*”.

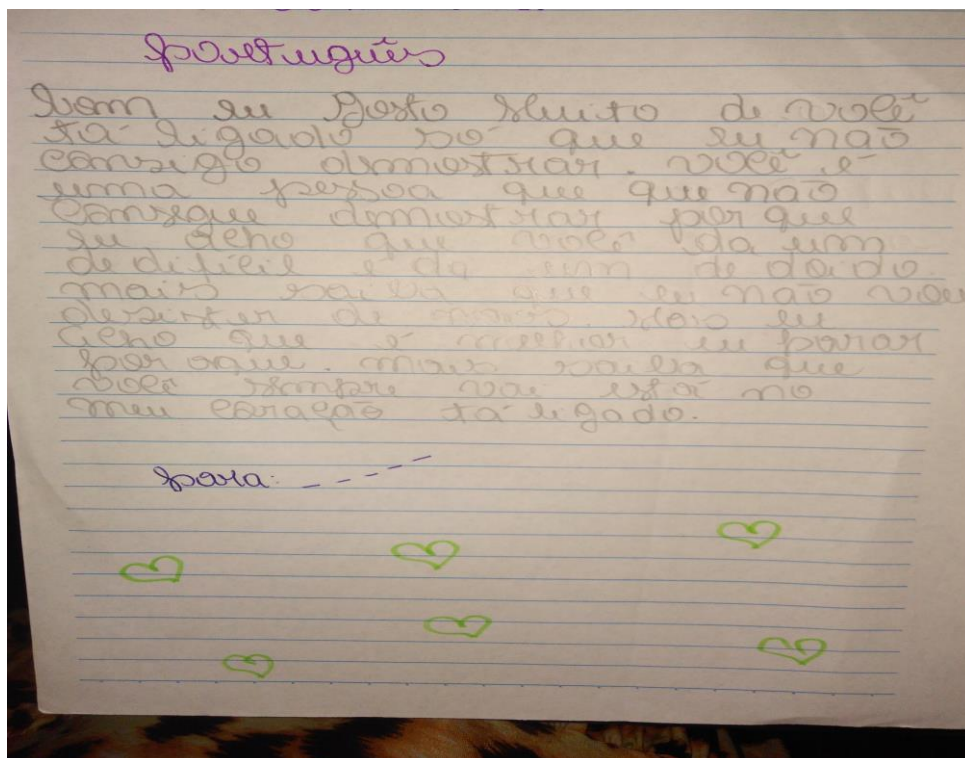
Depois da atividade objetiva, propusemos uma produção textual pedindo para que os alunos construíssem uma carta com os termos e a forma que eles falam, no intuito de compararmos com o texto do poeta Olavo Bilac.

Eles construíram uma carta de amor para amigos ou parentes e ao final debatemos e identificamos essas marcas linguísticas que fazem o português ser uma língua dinâmica e mutável. Dos 20 alunos, 5 não conseguiram identificar essa diferença linguística e não produziram textos, o que nos levou a um aprofundamento do tema com toda a turma.

Abaixo temos as produções de dois alunos (um menino e uma menina). A partir das atividades dos dois alunos, foi possível identificar e discutir com eles a respeito da variação linguística. Notamos que na produção da menina (aluna 1), havia expressões e sinais extralinguísticos (desenhos românticos), que levam a identificar que o texto fora escrito por uma menina.

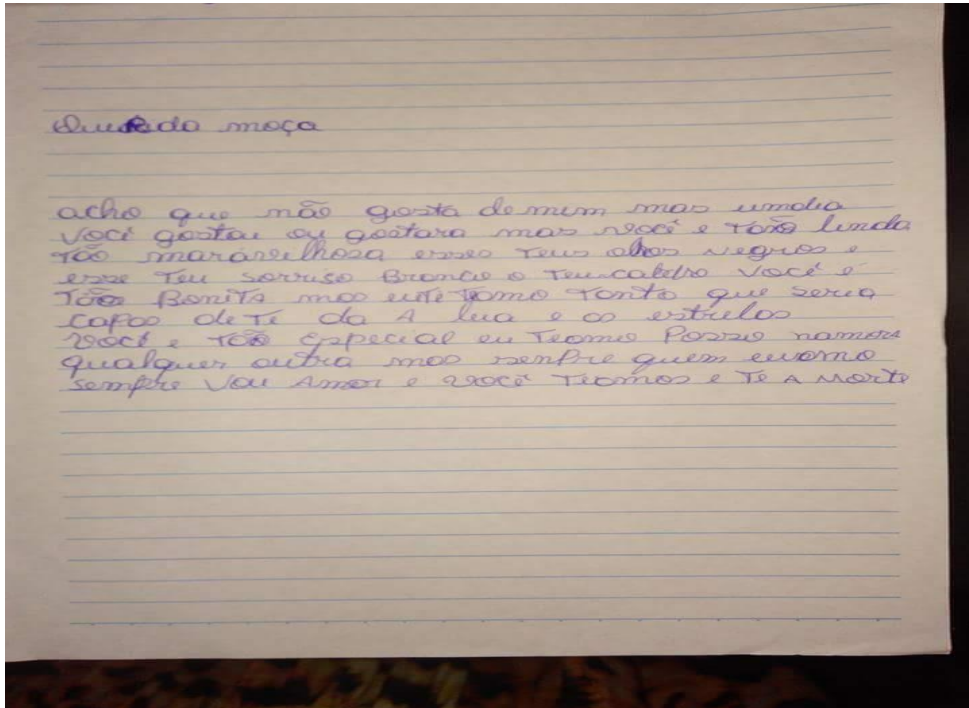
Notamos também a presença muito forte de traços da oralidade na escrita dos textos. Isso ficou evidenciado logo no início na produção da aluna 1, quando esta começa utilizando a palavra “bom”. Observamos, ainda, no referido texto, o uso de gírias, que não observamos no texto do aluno 2.

**Figura 2** - Produção da aluna 1 adaptando o texto estudo acima para a linguagem atual



Fonte: Pesquisadora (2016)

**Figura 3** - Produção do aluno 2, adaptando o texto estudo acima para a linguagem atual



Fonte: Pesquisadora (2016)

### 5.1.6 Terceira atividade: Adequação e monitorização

Tempo: 02 aulas (encontros) de 50 minutos

Objetivo da atividade: Reescrever o texto O Poeta da Roça - Patativa do Assaré, na língua padrão, escolar, empregada no texto, sobretudo escrito.

Texto 4: O Poeta da Roça - Patativa do Assaré.

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,  
 Trabaio na roça, de inverno e de estio  
 A minha chupana é tapada de barro  
 Só fumo cigarro de paia de mio.  
 Sou poeta das brenha, não faço pape  
 De argum menestré, ou errante canto  
 Que veve vagando, com sua viola,  
 Cantando, pachola, à procura de amo.

Na tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu sei o nome assina.  
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,  
E o fio do pobre não pode estuda.  
Meu verso rastêro, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça,  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.  
Só canto o buliço da vida apertada,  
Da lida apertada, da roça e dos oito  
E às veis, rescordando a feliz mocidade,  
Canto uma sôdade que mora em meu peito.  
Eu canto o cabôco com suas caçada,  
Nas noite assombrada que tudo apavora,  
Por dentro da mata, com tanta corage  
Topando a visage chamada caipora.  
Eu canto o vaquêro vestido de coro,  
Brigando com o tôro no mato fechado,  
Que pega na ponta do brabo novio,  
Ganhando lugio do dono do gado.  
Eu canto o mendigo de sujo farrapo,  
Coberto de trapo e mochila na mão,  
Que chora pedindo o socorro dos home,  
E tomba de fome, sem terra e sem pão,  
E assim, sem cobiça dos cofre luzente,  
Eu vivo contente e feliz com a sorte,  
Morando no campo, sem vê a cidade.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/>. Acesso em: 01 ago. 2016.

Fizemos a leitura do texto e ao final, todos se emocionaram, atingindo o real sentido de um texto, que é causar essa provocação emocional. Isso foi demonstrado, uma vez que todos os alunos se identificaram com a história de vida do Poeta Patativa do Assaré.

Durante conversas informais, relatamos que Patativa do Assaré, embora autodidata, e de pouquíssimo estudo em sala de aula, possuía condições de letramento que o permitiam ter plena convicção de sua forma abstrata e expressionista ao escrever, e o fazia a fim de perpetuar uma corrente sertanista na totalidade de sua essência cultural. Sabia da existência de uma norma culta e sabia ainda mais, como utilizá-la. No entanto, preferia brincar com o objeto literário, a fim de causar o impacto necessário para promover o seu reconhecimento.

A história de vida e a leitura do poema do referido autor fizeram com que alguns alunos lembrassem de familiares e ficassem muito curiosos com as expressões do texto.

Ressaltamos que a interação foi muito proveitosa, pois durante a reescrita do texto em língua formal, foi pedido para que eles identificassem a variação, e grande parte dos alunos já percebia a questão de não considerar como um erro, mas sim como uma diferença de cunho geográfico e social, no jeito do poeta falar.

No texto, há a recriação da fala típica do brasileiro do meio rural. É possível identificar pela grafia de certas palavras, como (trabaio, chupana, caboco, buliço), entre outras. Temos, além do fator geográfico (meio rural, região nordeste), o fator histórico (fala de uma pessoa já idosa, que emprega termos que um jovem da mesma região talvez não empregasse) e o fator sociológico (Patativa é um homem simples, de origem humilde, suas escolhas linguísticas talvez fossem diferentes de uma mulher, nas mesmas condições). Abaixo alguns questionamentos acerca do poema:

#### Sondagem e reescrita

- Professora: Ao ler o poema, de qual região o vocabulário utilizado pelo poeta representa? Rural ou urbana? Por quê?
- Aluno 1: Rural, professora.
- Professora: Por que?
- Aluno 2: Ele fala parecido com o Chico Bento.
- Professora: Qual a palavra que vocês identificaram com a fala do personagem Chico Bento?
- Aluno 2: Paióça, fio, trabaio.
- Professora: Por que você acha que Patativa assim registrou as palavras?
- Aluno 2: Porque ele morava na zona rural e lá as pessoas falam desse jeito.
- Professora: Vocês percebem alguma palavra ou construção que é usada por algum conhecido de vocês?
- Aluno 3: Eu conheço, o tio do meu vizinho fala “corage”, “visage”.



Essa abordagem comprovou que é possível propor um trabalho com a diversidade linguística sem demonstrar preconceito ou discriminação. Além disso, o estudo foi importante no sentido de gerar uma consciência linguística das variações e trabalhar para que o aluno seja um poliglota na sua própria língua, conforme diz Bechara (2004), em sua obra moderna gramática portuguesa.

Atualmente, define-se por preconceito qualquer crença ou opinião emitida e admitida, sem uma devida análise ou discussão. Conseqüentemente, acabam internalizadas pelos indivíduos que, não se dando conta do fato, são influenciados no seu modo de ser, agir e considerar as coisas, com forte significado pejorativo.

### **5.1.7 Quarta Atividade: Adequação e monitorização**

Tempo: 01 aula (um encontro) de 50 minutos.

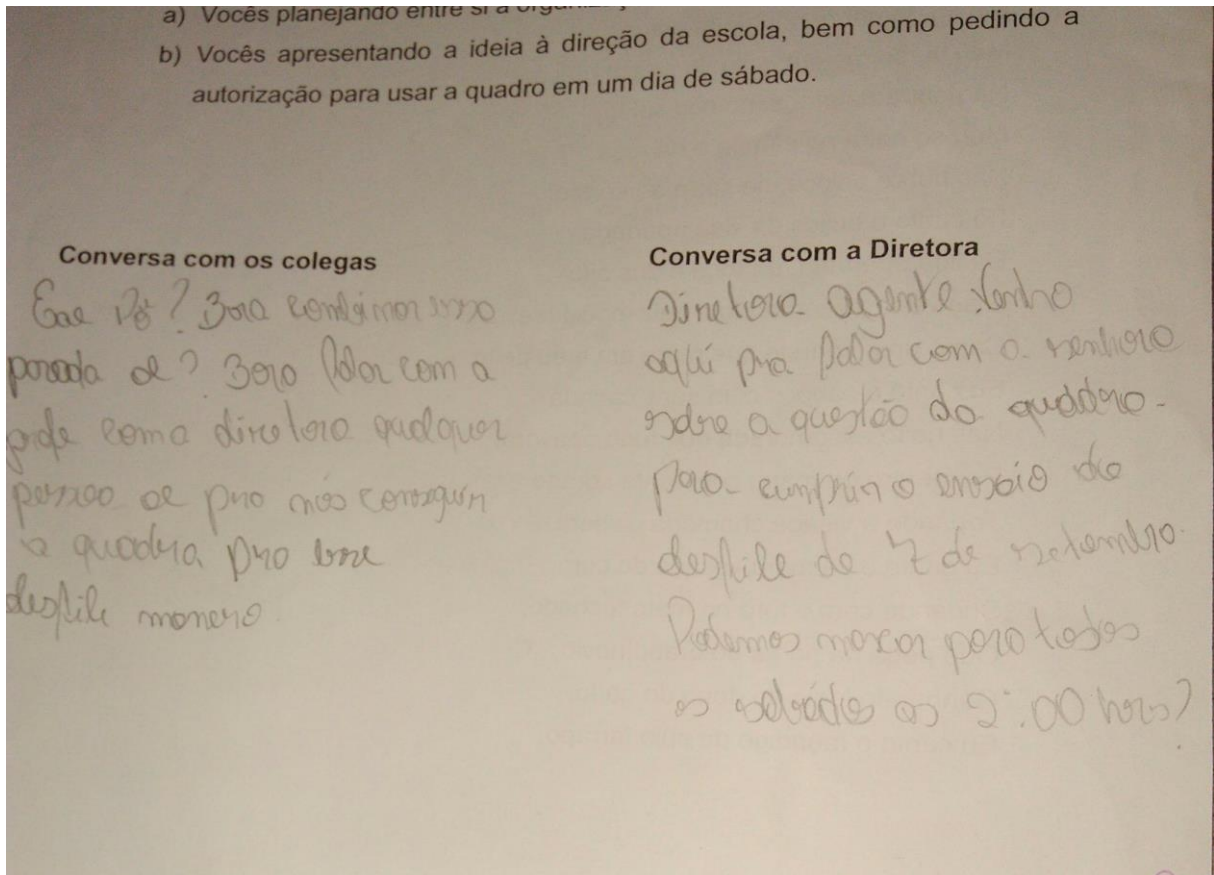
Objetivo: Criar texto fazendo adequação e monitorização conforme o interlocutor.

Imaginem que vocês estejam planejando participar do desfile do dia 7 de setembro e precisarão da quadra da escola em um dia de sábado para ensaiarem. Coloquem-se em duas situações de comunicação:

- a) Vocês planejando entre si a organização do evento. Descreva as falas desse momento.
- b) Vocês apresentando a ideia à direção da escola, bem como pedindo a autorização para usar a quadra em um dia de sábado. Transcreva essa fala da solicitação, ao diretor.

A adequação linguística é a habilidade que os falantes possuem de adaptar a linguagem de acordo com a necessidade do momento. Podemos optar por dois diferentes registros da língua portuguesa: a variedade popular ou a variedade padrão. Ao analisarmos a atividade proposta, concluímos que cada uma dessas variedades foi empregada em situações específicas, e ambas funcionaram bem, cumprindo seu papel na comunicação. Na conversa da aluna 1 com a diretora, notamos que ela adotou a variedade padrão, registro que apresenta uma fala mais formal e respeitosa. Já em conversa com colegas, a referida aluna altera o registro, utilizando uma linguagem coloquial, cuja principal característica é a informalidade e a presença de gírias como “pô” e “bora”.

**Figura 4:** Produção da aluna 3



Fonte: Pesquisadora (2016)

Nessa atividade de adequação da linguagem, os alunos perceberam a mudança no tratamento linguístico, visto que a maioria, ao construir um diálogo com a diretora, usou de termos respeitosos e de uso formal, como “a senhora”. Já no diálogo informal, eles utilizaram uma linguagem bem coloquial, com gírias e expressões de uso popular.

Na concepção de Bortoni-Ricardo, o contínuo de monitoração estilística parece ser o que exige um pouco mais da competência linguística dos usuários da língua, uma vez que envolve interações comunicativas espontâneas (informais) e planejadas (formais). Com isso:

Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar uma boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso. De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62-63).

Para Bortoni-Ricardo (2004), o ensino de Língua Portuguesa deve ser repensado, isso porque não se pode continuar com a ideia de que a língua portuguesa é homogênea e

padronizada. Existem variações linguísticas em todo e qualquer tipo de fala e essas variações não são melhores ou piores que outras. Nessa perspectiva, o repertório linguístico do aluno estará sendo valorizado, permitindo o contato com outras formas linguísticas, com o intuito de possibilitar a aquisição de novos conhecimentos e habilidades linguísticas.

Abrimos uma discussão acerca dessas duas situações e registramos o diálogo a seguir:

Discussão sobre a atividade realizada:

- Professora: Vocês acham que é possível falarmos da mesma forma com todas as pessoas?
- Aluno 1: Não.
- Professora: Por que não?
- Aluno 2: Porque quando falamos com os “parceiros”, a gente fala gírias, mas quando vamos falar com a diretora ou a professora, a gente fala ou escreve com mais respeito.
- Professora: E com as pessoas mais velhas, como os vizinhos de vocês? Como é que vocês falam?
- Aluno 3: A gente fala com respeito, professora. Com os amigos e parceiros, a gente usa gíria porque já tá acostumado com eles.

Observamos que os alunos pesquisados já percebem uma distinção das várias situações de uso que fazemos da língua. Podemos constatar que esses pequenos pesquisados já vão aprendendo a lidar com a linguagem de uma forma interativa, buscando compreendê-la nos seus recursos linguísticos. Cabe ao professor torná-lo proficiente também em outros dialetos e registros populares, ao longo dos anos escolares. Já à escola, cabe propiciar condições para que o aluno saiba discernir sobre os fenômenos da linguagem, principalmente os relativos à variedade linguística, evitando a discriminação e preconceitos relativos ao seu modo de falar.

Bortoni-Ricardo (2004) discute como o professor deve trabalhar a questão do erro linguístico, não como uma deficiência do aluno, mas sim como diferença entre duas variedades.

No diálogo acima fica claro a forma respeitosa que eles têm ao tratarem pessoas mais velhas ou autoridades (como a diretora), denotando o grau de formalismo. Já ao conversarem entre si, utilizam de uma linguagem coloquial e informal. É de suma importância que o aluno tenha a consciência de que a língua apresenta variações, dando possibilidades para que eles se comuniquem de maneira mais adequada e eficiente, deixando de lado possíveis preconceitos linguísticos e, dessa forma, respeitem “as formas de falares” diferentes da sua.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa visou contextualizar de forma científica uma questão que consideramos de ordem pública, que se refere à Educação Linguística como uma alternativa eficaz ao ensino tradicional da Língua Portuguesa. Isso por tratar a linguagem na sua essência da comunicação, mostrando aos alunos que não existe apenas uma forma de se falar Português e que se tornar “poliglota de sua própria língua” pode ser muito mais eficiente, dependendo do contexto comunicativo em que se encontram. Dessa forma, eles serão capazes de aprender as variantes regionais sem o uso gramatical propriamente dito, mas sim com as pedagogias que inspiram o professor como mediador da formação social e cidadã, por meio de atividades na sala de aula, que nada lembram os antigos “conjugue os verbos abaixo no pretérito perfeito”.

Assim, as aulas podem ser muito mais dinâmicas, expansivas e agradáveis aos estudantes, permitindo que estes interajam socialmente em diferentes situações comunicativas. Isso torna-os pessoas mais críticas e menos manipuláveis, capazes de ler melhor as linhas e as entrelinhas, a forma, o fundo, o óbvio e o interpretável, desenvolvendo a sua consciência linguística.

O trabalho de desenvolver a consciência linguística dos alunos não deve ser restrito ao professor de língua português. Aliás, está na hora das escolas entenderem que o professor de Língua Portuguesa não é responsável por tudo que o aluno precisa aprender em relação à língua materna, pois essa responsabilidade é de todos. Qualquer que seja a disciplina, o professor tem condições de ampliar competências dos alunos na língua materna e de preferência procurando desconstruir o que se acredita em relação à língua materna, ou seja, que esta é difícil e que não se aprende.

A nossa pesquisa respondeu aos objetivos aos quais nos propusemos. Investigamos e verificamos, por meio de uma proposta de intervenção de base sociolinguística, como os alunos do 7º ano de uma escola pública, na disciplina Língua Portuguesa, ainda não haviam atentado para o fato de que há uma variedade na língua e que essa diversidade deve ser valorizada e estuda na escola.

Ao tomarem conhecimento das variantes, fizemos o que foi proposto no objetivo específico: identificar a importância de adequação da linguagem nas modalidades de usos da língua a diferentes contextos sociais. Alcançamos, mesmo que de forma parcial, uma Educação Linguística pautada nos significados sociais dos falantes. Acreditamos que essa consciência linguística pode ser melhorada à medida que os alunos avançam nas séries escolares.

Partindo desse princípio, passamos a responder mais um objetivo que tratou de discutir as formas que as variações linguísticas são viabilizadas no ambiente escolar, com o propósito de despertar nos professores e alunos uma reflexão acerca desses aspectos linguísticos no processo educacional. Isso com o foco voltado para o ensino da língua materna, considerando as experiências linguísticas que os alunos trazem para o ambiente escolar, dando espaço para a fala destes.

Além disso, colocamos em prática uma proposta de intervenção sobre variação linguística conjuntamente com alunos do 7º ano da Escola Estadual Imaculada Conceição, proposta que foi realizada com êxito. Após tal intervenção, analisamos os resultados alcançados com o projeto, o qual teve como foco observar se os alunos se apropriam de uma educação linguística. Verificamos que o propósito foi atingido, como mostra a quarta atividade, na qual os alunos perceberam que o uso da linguagem muda de acordo com a situação e que na escola, conversando com os amigos, fazem uso de uma determinada linguagem; quando falam com a diretora, a linguagem sofre algumas modificações, ficando mais formal e até mais respeitosa, como mostrou a atividade desenvolvida pela aluna 1, na quarta atividade proposta.

Tais atividades totalizaram 08 aulas de 50 minutos. As atividades realizadas mostraram que as intervenções contribuíram para que os alunos tivessem uma outra postura diante da variação linguística, bem como da norma padrão da língua, para os diferentes usos que são feitos no cotidiano.

De posse de todas essas atividades de diagnóstico, além das de intervenção, apoiados em teóricos como Cavalcante (2014), Bagno (2014), Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007), Faraco (2002), PCN (1998), analisamos que os dados obtidos contribuíram para desconstruir o preconceito linguístico, bem como despertar no aluno a consciência dos usos que fazem da língua, refletindo sobre o português brasileiro em toda a sua diversidade linguística.

Bortoni-Ricardo desenvolve um trabalho voltado para a conscientização linguística do aluno e abre espaço para que a sociolinguística possa ser tratada por nós, educadores, de maneira mais informal, visto que não se trata de uma disciplina, e sim de um estudo sobre a forma como nós brasileiros entendemos e interagimos com a enorme diversidade cultural que se proliferou no país em tempo passados, e que atualmente ainda é fruto de um desordenado processamento de aceitação social.

Portanto, concluímos que o movimento de aprimoramento ético e moral de nossa sociedade tem que ter embasamento tão somente na educação, desde o seio familiar aos bancos escolares, com a valorização do ser humano, indivíduo etnicamente brasileiro e miscigenado.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática, por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: ponto os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Língua Materna**. São Paulo: Parábola, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **O professor pesquisador, introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

ENGEL, Guido Irineu. **Educar**. Curitiba, n 16, Editora UFPR, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. (Org.). **A relevância social da linguística: linguagem, linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola, 2007.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação, uma proposta para o ensino de gramática para o primeiro e segundo graus**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

## APÊNDICE I

### PLANO DE AULA DA PRIMEIRA ATIVIDADE INTERVENTIVA

Professora: Agnelly Palitot Gomes

Série: 7º Ano

Conteúdo: Nessas atividades se fez o reconhecimento da heterogeneidade linguística como um dos princípios básicos para levar os alunos ao desenvolvimento de competências de sua língua, bem como a um trabalho de educação linguística.

Data:

Tempo necessário: 2 aulas (dois encontros de 50 minutos)

Objetivos:

Geral: - Levar os alunos ao desenvolvimento de competências de sua língua, bem como a um trabalho de educação linguística.

Específicos: - Analisar o uso das variantes linguísticas dos alunos;

- Realizar atividades interventivas que visem ao uso das variantes, inclusive as da norma padrão;
- Despertar, no aluno, o interesse por uma nova forma de compreender a gramática.

Recursos didáticos: - Revistas, jornais e canções/poemas;

- Discussão oral e produção textual;
- Recortes de jornais/revistas, exemplos de variedades linguísticas.

Desenvolvimento da atividade/ procedimentos:

1. Abrir uma discussão sobre o que vem a ser variedade linguística;
2. Refletir cada uma das perguntas do exercício;
3. Apresentar mais exemplos de variação linguística, explicando o que é e porque acontece;
4. Pedir para que os alunos formem frases a partir de expressões utilizadas no cotidiano e, em seguida, mostrar as mesmas expressões em uma situação formal de uso;
5. Após a discussão sobre os textos trabalhos, pedir para que os alunos elaborem um texto sobre preconceito linguístico, imaginando que eles seriam um “caipira” e como se sentiriam diante dos comentários acerca do seu modo de falar.

Avaliação: - Demonstrar que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme em todo o território brasileiro;

- Identificar que os diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua.



## **PLANO DE AULA DA SEGUNDA ATIVIDADE INTERVENTIVA**

Professora: Agnelly Palitot Gomes

Série: 7º Ano

Conteúdo: Nessas atividades se fez o reconhecimento da heterogeneidade linguística como um dos princípios básicos para levar os alunos ao desenvolvimento de competências de sua língua, bem como a um trabalho de educação linguística.

Data:

Produzir um texto a partir do fragmento do texto “Excelentíssima Senhora”, de Olavo Bilac.

Tempo necessário: 2 aulas (dois encontros de 50 minutos)

Objetivos:

Geral: - Tratar a variação na norma padrão atual, mostrando ao aluno que a língua é mutável e se altera, bem como o uso da formalidade.

Específicos: - Identificar a importância de adequação da linguagem em diferentes contextos sociais.

Recursos didáticos: Papel ofício, cartolinas e livros.

Avaliação: O aluno será avaliado através de exercícios escritos a fim de se observar a coesão, concordância, coerência, ortografia, pontuação, bem como a leitura, na questão da fluência e entonação, a apresentação dos trabalhos e a participação individual dos alunos, de acordo com a realidade vivida por cada um.

## **PLANO DE AULA DA TERCEIRA ATIVIDADE INTERVENTIVA**

Professora: Agnelly Palitot Gomes

Série: 7º Ano

Conteúdo: Imaginem que vocês estejam planejando participar do desfile do dia 7 de setembro e precisarão da quadra da escola em um dia de sábado para ensaiarem. Coloquem-se em duas situações de comunicação.

Tempo necessário: 2 aulas (dois encontros de 50 minutos)

Objetivos:

Geral: - Criar texto fazendo adequação e monitorização conforme o interlocutor.

Específicos: - Identificar a importância de adequação da linguagem em diferentes contextos sociais.

Recursos didáticos: Textos expressos e material do aluno.

Avaliação: O aluno será avaliado através de exercícios escritos a fim de se observar a transição da passagem da língua coloquial para a língua padrão.

## **PLANO DE AULA DA QUARTA ATIVIDADE INTERVENTIVA**

Professora: Agnelly palitot Gomes

Série: 7º Ano

Conteúdo: Procedimentos de leitura e escrita de textos, contendo a adequação e monitorização linguística.

Tempo necessário: 2 aulas (dois encontros de 50 minutos)

Objetivos:

Geral: - Gerar uma consciência linguística das variações e trabalhar para que o aluno seja um poliglota na sua própria língua.

Específicos: - Evidenciar a distinção entre a linguagem formal e informal em suas situações de uso;

- Adequar o nível da linguagem ao contexto sociocomunicativo do aluno.

Recursos Didáticos: Textos expressos e material do aluno.

Avaliação: O aluno será avaliado de forma direta e contínua, considerando a participação e o interesse do aluno durante a realização da atividade proposta.

## APÊNDICE II

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM A VARIEDADE LINGUÍSTICA

#### Identificação

- 1- Nome \_\_\_\_\_
- 2- Idade \_\_\_\_\_
- 3- Local onde mora \_\_\_\_\_
- 4- Onde você nasceu? \_\_\_\_\_
- 5- Profissão do pai \_\_\_\_\_
- 6- Profissão da mãe \_\_\_\_\_
- 7- Onde seu pai nasceu \_\_\_\_\_
- 8- Onde sua mãe nasceu \_\_\_\_\_
- 9- Na sua opinião, todas as pessoas que moram na sua casa falam da mesma forma? Justifique sua resposta.
- 10- As pessoas que moram na sua rua e os seus colegas de escola se expressam do mesmo modo? \_\_\_\_\_
- 11- Leia o texto e responda:  
A professora pede para que seu aluno, que se chama Mateus (e mora na zona rural) construir uma frase sobre a natureza.  
Mateus escreve: A natureza é boa e deixa nossas vida mió, pois da terra nós tira os alimento pra cumê. As expressões sublinhadas poderiam ser substituídas por quais outras expressões?  
  
\_\_\_\_\_

ISBN 978-65-5886-135-5



9 786558 861355